

BLIMBUNDA MACAU ROTAS LÉTRAS

**Construímos um bom aeroporto,
abrimos estradas, ganhámos
terrenos ao mar, temos andado
a levantar nas praças e avenidas
enormes peças escultóricas
para recordação (de quê?), mas
ouvir falar a um chinês, nas
ruas de Macau, algo que mesmo
remotamente tenha parecenças
com a língua portuguesa,
só por um milagroso acaso.**

In Cadernos de Lanzarote, Diário V

AS FOTOGRAFIAS PERDIDAS DE DANIEL MORDZINSKI

Há cerca de um mês, a notícia correu célere nas redes sociais: um trabalhador do jornal francês *Le Monde* destruiu, por descuido ou falta de atenção, milhares de fotografias e negativos de Daniel Mordzinski. O jornal veio, depois, lamentar o sucedido, mas nenhuma desculpa poderá trazer de volta o resultado de 27 anos de trabalho do fotógrafo que nos habituámos a associar ao mundo literário e aos rostos dos escritores captados de um modo inigualável. Alguns dias depois do sucedido, Mario Vargas Llosa assinou um texto no *El País* onde compara o lamentável gesto, negligente e imperdoável, do funcionário do *Le Monde* a uma espécie de inquisição, talvez a maior da história da fotografia.

Sobre os retratos de escritores feitos por Daniel Mordzinski diz Vargas Llosa: «esas imágenes que Daniel arrebatava del río del tiempo y fijaba en unas cartulinas eran, en verdad, una interpretación muy astuta de la personalidad de esos autores, y que en ellas, además de sus rasgos, semblantes y expresiones, aparecían revelados sus sueños, sus fracasos y sus éxitos.» Conhecendo o fotógrafo e a sua dedicação, Vargas Llosa assegura que Daniel Mordzinski não se deixará abater por esta destruição, continuando a fotografar como sempre o fez: «ya debe estar en estos días, como estuvo ayer y como lo estará mañana, en alguna feria o festival del libro, cámara en mano, disparando flashes y esa cordialidad y simpatía que le rebasan por todos los poros, y con esa energía que le permitirá en pocos años, derrotando al infortunio, reconstruir una colección tan valiosa como la que acaba de perder.» Só podemos esperar que sim. ■

http://elpais.com/elpais/2013/03/22/opinion/1363960926_563354.html



JOSÉ LUIS SAMPEDRO

A morte de José Luís Sampedro, anunciada no passado dia 9 de Abril, encheu os jornais de homenagens e elogios sinceros. Sampedro foi um intelectual como já há poucos, comprometido com o mundo em que vivia e disponível para nele intervir, mas foi igualmente um economista que sempre soube que eram as pessoas o único centro possível da análise económica, e não os números ou as finanças. Foi, também, um escritor, autor de livros como *La sonrisa etrusca* ou *El amante lesbiano*.

De entre o muito que se escreveu na imprensa nos dias seguintes à sua morte, destacamos dois artigos publicados no espaço de opinião do *InfoLibre*, um de Carlos Berzoza, outro de Marta Sanz. Carlos Berzoza traça o percurso de José Luís Sampedro a partir do pensamento e da produção teórica que deixou sobre a economia. Um excerto: «Ha sido, a su vez, un crítico con el estado actual de la economía y con el sistema capitalista, el cual no solamente segrega demasiadas privaciones, sino que genera un crecimiento que afecta al agotamiento de los recursos naturales, deteriora el medio ambiente, modifica el clima, y que supone en definitiva que no se puede crecer indefinidamente en un mundo finito.» Marta Sanz faz um retrato do autor a partir da memória do seu pai, aluno de Sampedro, e destaca o activismo e a dedicação à comunidade: «No puedo evitar recordar la famosa frase de Bertold Brecht sobre los que luchan un día y son buenos, y los que luchan toda la vida y acaban siendo los imprescindibles. Pues eso. El profesor Sampedro aportaba información conceptual sobre su asignatura y, a la vez, ofrecía otro tipo de educación que tiene que ver con el despertar de la conciencia, el sentido crítico, la rebeldía y una posibilidad de transformar la realidad a la que no renunció en ningún momento de su larga vida.» ■

http://www.infolibre.es/noticias/opinion/2013/04/10/ha_muerto_gran_pen-sador_critico_2231_1023.html

http://www.infolibre.es/noticias/politica/2013/04/09/inteligencia_sensibilidad_2224_1012.html

FUNDAÇÃO JOSÉ SARAMAGO THE JOSÉ SARAMAGO FOUNDATION CASA DOS BICOS

**Segunda a Sexta
Monday to Friday
10 às 18 horas
10 am to 6 pm**

**Sábado
Saturday
10 às 14 horas
10 am to 2 pm**

**ONDE ESTAMOS
WHERE TO FIND US**
Rua dos Bacalhoeiros, Lisboa
Tel: (351) 218 802 040
www.josesaramago.org
info.pt@josesaramago.org

**COMO CHEGAR
GETTING HERE**
Metro Subway Terreiro do Paço
(Linha azul Blue Line)
Autocarros Buses 25E, 206, 210,
711, 728, 735, 746, 759, 774,
781, 782, 783, 794

OS DIAMANTES DE SANGUE

Desde que o jornalista angolano Rafael Marques publicou o livro *Diamantes de Sangue* (Tinta da China), resultado de vários anos de investigação nas províncias angolanas onde se extraem diamantes, os processos judiciais não têm parado. Em Portugal, os generais cujo envolvimento com acções criminosas foi denunciado no livro apresentaram uma queixa-crime «por difamação e injúria», que tinha por alvo o jornalista e a editora Bárbara Bulhosa, responsável pela Tinta da China, mas a queixa foi entretanto arquivada pelo Ministério Público português. Mais recentemente, e como se pode ler num texto publicado em *Maka Angola*, Rafael Marques foi constituído arguido em Luanda, num processo de difamação movido pelos gestores de uma sociedade mineira, a ITM Mining. Desta vez, os generais que apresentaram queixa em Portugal não o fizeram em Angola, o que o jornalista não entende: «O que é estranho neste processo é que são apenas três queixosos. São os únicos que se sentem difamados. Os generais angolanos, que me foram processar em Portugal pelas mesmas razões, não se sentem ofendidos na sua honra em Angola», declarou Rafael Marques à Lusa (palavras citadas na peça da TVI cujo link se indica abaixo).

Ainda em declarações à Agência Lusa, o jornalista mostrou-se surpreendido com a ausência de investigação sobre os casos que refere no livro por parte das autoridades angolanas:

«Nem a PGR [Procuradoria Geral da República], nem a DNIC [Direção Nacional de Investigação Criminal], que ora toma o caso, cuidaram de investigar os casos reportados no livro, os casos de homicídio, os casos de tortura, muitos deles acontecidos dentro da concessão da Sociedade Mineira do Cuango», considerou. ■

<http://makaangola.org/2013/04/03/rafael-marques-constituído-arguido-em-angola/> <http://www.tvi24.iol.pt/internacional/diamantes-de-sangue-rafael-marques-sociedade-angola-tvi24-jornalista/1435765-4073.html>

RECONSTRUIR ABRIL

Portugal prepara-se para comemorar os 39 anos da Revolução dos Cravos enquanto atravessa a maior crise económica e social de que há memória, pelo menos em democracia. E prepara-se para fazê-lo com muitas dúvidas, apresentadas publicamente por personalidades muito díspares, sobre que tipo de democracia está em vigor quando nenhuma das decisões políticas passa pelos representantes eleitos nas urnas, mas antes pelos credores e pelas instituições financeiras da zona euro. O mesmo se pode dizer de Espanha e de vários países europeus, uns mais estrangulados que outros, mas todos com a vida nas mãos de bancas e credores que nunca foram interlocutores da vontade democraticamente expressa nas urnas. Na edição portuguesa do *Le Monde Diplomatique*, Sandra Monteiro reflecte sobre as esperanças, os desafios e as tarefas de Abril, deixando claro que a construção de uma democracia terá começado, em Portugal, há quase quatro décadas, mas está longe de estar concluída. Mais do que isso, o texto lança para o debate questões que se afiguram cada vez mais urgentes e de cuja discussão colectiva pode depender o futuro do país, e sobretudo o futuro da democracia. Um excerto: «Chegamos a Abril com um peso resistente. O de quem vive penosamente e sabe que quase tudo terá de ser construído e reconstruído. Vai-nos faltando a esperança, o entusiasmo e a festa que associamos à vida que Abril abriu. Mas será pouco, isto de sabermos o que não podemos mais suportar e o que temos de começar por mudar? Ou isto de decidirmos encontrar-nos e sermos sujeitos dessa mudança?» ■

<http://pt.mondediplo.com/spip.php?article915>



GALIZA-CURDISTÃO E VOLTA

A estrutura e o conteúdo de *Viagem ao Curdistão* colocam-no na linhagem dos diários de viagem onde texto e imagem se reúnem para compor uma memória construída no presente e oferecida ao futuro. O livro de Séchu Sende, autor galego, tem a sua origem em 2006, no momento em que assinou um conto intitulado «Um lugar sem palavras» que haveria de integrar o volume *Made in Galiza*, publicado em 2007 pela Editorial Galaxia. Nesse conto, reflectia-se sobre a situação linguística do povo curdo, impedido de falar a sua língua materna pelas contingências políticas determinadas pela ocupação territorial e pela repressão exercida pelas autoridades turcas. O acaso que levou um curdo, Irfan Guler, a Santiago de Compostela, e que lhe colocou diante dos olhos o livro *Made in Galiza* no escaparate de uma livraria, desencadeou uma série de encontros, contactos e projectos que culminaram na viagem de Sende ao Curdistão, com passagem por Istambul, na companhia da mulher e da filha.

A disposição dos materiais que integram este diário produz um efeito de intensificação da leitura, como se a empatia com o leitor crescesse à medida a que as páginas avançam. A esse efeito não é estranho o facto de os desenhos de Séchu Sende serem os primeiros a surgir, oferecendo o registo de uma viagem onde já são notórios os sinais de um conflito, mas onde visualmente predominam os pequenos apontamentos, o olhar de quem chega pela primeira vez a um sítio, as trivialidades com que tenta criar-se um quotidiano de passagem e que se guardam entre bilhetes de transporte, anotações de café, coisas soltas e passageiras que hão-de compor a memória da viagem depois do regresso. É quando chegam as palavras que *Viagem ao Curdistão* se confirma para além do

diário, expondo o miolo à denúncia da situação política do Curdistão e revelando os pontos de contacto com a Galiza no que à situação de hegemonia linguística e cultural diz respeito.

Sende não é um mitómano em busca de uma vitimização favorável à causa galega, pelo que a comparação com o Curdistão se faz pelos acasos que o colocaram a caminho da terra dos curdos e também pelo aspecto do conflito linguístico. As devidas diferenças são tornadas claras, sobretudo nos momentos em que o autor regista a presença de militares turcos, bem armados, controlando os movimentos dos curdos e evitando, com a violência sempre que tal pareça necessário, qualquer gesto de revolta. Em nenhum momento essa denúncia impede que se registem os factos comuns que uniram as duas nações sem estado neste ponto de encontro em forma de livro, nascido da vontade de conhecer uma terra e as pessoas que nela habitam, tanto como de perceber os desígnios políticos e sociais que fazem dessa terra um local onde o conflito é permanente. *Viagem ao Curdistão* é um livro comprometido, sem dúvida, mas é antes de mais um exercício de memória, pessoal, na medida em que se constrói sobre os alicerces de uma viagem, recolhendo os pequenos vestígios que hão-de colocá-la no patamar das coisas memoráveis, e colectiva, dando a ler a situação que se vive no Curdistão e procurando paralelos com o contexto galego, não como quem força uma comparação, mas antes como quem procura laços, pontes que permitam o diálogo e, sobretudo, afectos que tornem tudo um pouco mais tolerável para quem vive o quotidiano vendo recusado ou comprometido o direito básico à utilização da sua língua. ■



O PRIMEIRO NÚMERO DA GRANTA SAI EM MAIO E TERÁ INÉDITOS DE FERNANDO PESSOA

ASSINE POR DOIS ANOS
COM 25% DE DESCONTO

DIRECÇÃO DE
CARLOS VAZ MARQUES

REVISTA SEMESTRAL
MAIO | NOVEMBRO



PORTUGAL €54
EUROPA €74
RESTO DO MUNDO €86



WWW.FACEBOOK.COM/GRANTAPORTUGAL

na rota das letras

Sara
Figueiredo
Costa

rota das letras

No final de Março, Macau recebeu a segunda edição do festival literário Rota das Letras, uma organização conjunta do jornal Ponto Final, do Instituto Cultural de Macau e da Fundação Macau que transformou a cidade num ponto de encontro entre escritores de diferentes línguas, artistas de linguagens várias e leitores participativos. Se os jornais de Macau usam tantas vezes a palavra 'plataforma' para descreverem o território sobre o qual escrevem, o festival literário da cidade tem todas as características de uma verdadeira plataforma, não como ponto de passagem entre um sítio e outro, mas antes como cais de embarque, sempre com bilhete de ida e volta para viagens sem número limite.



Casino/Hotel Lisboa



Não Há Amor Como o Primeiro, antologia de textos do Rota das Letras

r o t a d a s l e t r a s

Acompanhar um festival literário com a intenção de escrever uma reportagem sobre o que se viu e ouviu é também perceber o ambiente que o rodeia, o contexto em que foi programado, as pessoas que com ele se relacionam. Quando esse festival acontece do outro lado do mundo, num lugar que nunca se visitou e sobre o qual se sabe pouco mais do que aquilo que resumem os livros de História, o trabalho jornalístico transforma-se num desafio muito maior, não tanto pela novidade que importa transformar em familiaridade, mas sobretudo pelo investimento emocional a que essa transformação obriga. Chegar a Macau quando nunca se pisou o Oriente é resistir à ideia do exótico procurando em cada imagem desconhecida a familiaridade que todas as imagens escondem. As grandes avenidas cheias de gente, com a linha do horizonte dominada por hotéis e casinos, as ruas da zona velha com mercearias onde há peixe seco, cogumelos liofilizados e coisas indecifráveis, os templos cheios de incenso, a língua que é uma barreira e a comunicação gestual, esse património universal que há-de sempre salvar todos os encontros, assim haja vontade. É neste cenário que acontece o Rota das Letras, um festival literário que cumpriu este ano a sua segunda edição e onde foi possível ouvir escritores tão familiares como José Eduardo Agualusa, Rui Zink ou Valter Hugo Mãe ao lado de nomes que importa conhecer, mas que a vastidão do mundo e o rame-rame das rotinas transformam em desconhecidos, pelo



Painel sobre a Globalização, com Mauro Munhoz, Bi Feiyu, Luís Cardoso, Dulce Maria Cardoso, José Eduardo Agualusa e Yi Sha



Ricardo Araújo Pereira e Rui Zink na Escola Portuguesa

menos para quem escreve estas palavras, como é o caso de Han Shaogong ou Li Shaojun.

Saber que Macau é uma cidade chinesa que um dia fez parte do império colonial português, e que nela se cruzam vestígios da presença portuguesa com aquilo a que poderíamos chamar, simplificando, a identidade cultural chinesa que é a sua matriz, para além de todas as pessoas de tantas origens que por ali passaram e vão passando, é saber muito pouco. À chegada, percebe-se que só em chinês (melhor dito, cantonês, a língua maioritariamente falada no sul da China) é possível comunicar com a maioria das pessoas, do taxista que assegura a ligação entre o ferryboat vindo de Hong Kong e o centro da cidade ao senhor do café onde não há café – mas há chá, muito e variado. Na redacção do *Ponto Final*, o jornal que gentilmente acolheu a *Blimunda* na sua passagem por Macau, predomina o português, algo que se repetirá na maioria dos eventos do festival e em alguns locais onde a comunidade portuguesa se encontra.

Na noite de abertura do Rota das Letras, ainda há muito por descobrir sobre essa comunidade portuguesa. Nos dias seguintes começará a tornar-se claro que a designação homogénea que classifica as pessoas em função da sua língua é uma ilusão, mas já lá iremos. Por agora, ficam as dúvidas iniciais sobre o que esperar do festival no que à participação diz respeito, e nomeadamente pela parte do público falante dessa língua. Quantos desses portugueses serão leitores regulares e quantos acompanharão a literatura em língua portuguesa, que compõe uma fatia conside-

rável da programação deste festival? Que público, enfim, pode esperar o Rota das Letras, sobretudo nos painéis onde o português predomina? Haverá apenas portugueses e macaenses na assistência, ou igualmente chineses e gente de outras paragens? Enquanto Bernardo Devlin and Project Tree actuam no palco montado na Praça da Amizade, Valter Hugo Mãe está à conversa com uma leitora da sua obra. No fim da conversa, peço alguns minutos e fico a conhecer Lúcia Lemos, portuguesa residente em Macau e leitora da literatura em língua portuguesa que se vai escrevendo por estes dias. Há um ano atrás, acompanhou os debates que pôde na primeira edição do Festival e este ano pretende repetir a experiência. Nos dias seguintes, outros portugueses terão um discurso semelhante, mostrando a sua satisfação pela existência de um evento que lhes permite contactar directamente com alguns dos escritores que lêem. E se nem todos dão maior importância aos escritores que escrevem em português relativamente aos outros convidados, percebe-se que essa presença é fundamental num espaço onde a língua portuguesa ainda é a língua de contacto entre muita gente.

UM FESTIVAL, MUITOS TEMAS

Foi no Centro da Ciência de Macau que se inaugurou oficialmente a segunda edição do Rota das Letras. Antes de qualquer discurso, o espaço exterior recebeu a Dança do Dragão, cerimónia que assinala o Ano Novo Chinês e que também se reserva para

rota das letras

inaugurações e outros eventos importantes. Depois do corta-fitas e dos discursos oficiais, o auditório do Centro encheu-se para a abertura do festival, onde sobressaíram as palavras de Ricardo Pinto, director do Rota das Letras, lembrando o arquitecto Manuel Vicente, recentemente falecido, e a sua presença em Macau, visível nos edifícios que projectou e nas memórias que legou à cidade, aos amigos, às pessoas com quem se cruzou nas suas longas estadas macaenses. «Manuel Vicente disse um dia que não sabia se voltaria a Macau, mas é como se nunca tivesse deixado de cá estar», salientou o director do festival, antes da ovação que homenageou o homem e a sua obra.

Ainda na cerimónia de abertura, houve espaço para a apresentação de um livro que resulta da primeira edição do Rota das Letras, em 2012, e que confirma a vontade do festival em extravasar as fronteiras de um encontro com data marcada. *Não Há Amor Como o Primeiro*, editado em português, inglês e mandarim, reúne textos (de ficção e ensaio) de autores que integraram as mesas do primeiro Rota das Letras e os contos premiados num concurso lançado pelo festival e aberto à participação geral, cujo júri foi composto pelos escritores José Luís Peixoto, Su Tong e Xu Xi. Nos dias seguintes, os escaparates da Livraria Portuguesa viram chegar e partir vários exemplares, levados por leitores que aguardavam o surgimento do livro desde que ele foi anunciado mas também por leitores curiosos, com vontade de descobrir o que se escreve, por estes dias, no cenário da literatura contemporânea.



Exposição de homenagem a Jorge Amado, no Albergue



Dead Combo e Camané, no Cotai Arena

Os painéis de debate e os seminários que integraram o Rota das Letras (quase trinta, ao longo dos seis dias), bem como as sessões de cinema, os concertos, as exposições e os *workshops*, tiveram sempre casa cheia ou perto disso. Na assistência, cruzavam-se portugueses e macaenses, sim, mas também chineses, sobretudo quando os oradores incluíam autores da China continental, e algum público variado e difícil de identificar, quase sempre com o inglês como língua franca. E isso mesmo seria confirmado por Helder Beja, vice-presidente do festival, na sessão de encerramento, quando disse que «o festival chegou, este ano, a muito mais chineses do que lusófonos», e pelo foto-jornalista António Mil-Homens, que esteve em todas as sessões do Rota das Letras e confirmou que «em 43 eventos deste festival, este é um dos três onde não houve ninguém da comunidade chinesa».

Afirmando-se como ponto de encontro e cruzamento de literaturas, línguas e identidades diversas, o Rota das Letras trouxe para o debate temas como o humor, as viagens ou a globalização. Este último acabou por ser transversal, servindo de mote para a discussão sobre o equilíbrio entre identidade e renovação. Numa mesa claramente dividida entre a cautela e a descoberta, precisamente a que deu início ao ciclo de debates do festival, Be Feiyu, o autor chinês recentemente distinguido com o Asian Man Booker Prize, mostrou-se relutante sobre os bene-

fícios de um mundo que recebe influências de qualquer parte sem nenhum filtro, uma visão apoiada por Yi Sha, preocupado com a hipótese de tanta abertura ao resto do mundo, através da leitura de autores estrangeiros ou da recepção de outras expressões artísticas, poder significar uma «perda da identidade cultural própria», neste caso, a chinesa. Contrariando os medos, José Eduardo Agualusa afirmou que «o primeiro grande território do escritor é a literatura universal» e Dulce Maria Cardoso deixou claro que «para a matéria essencial da literatura, a condição humana, a globalização não oferece grande interesse, porque aí somos todos mais iguais do que diferentes». Mas se este primeiro debate pode ter deixado no ar a ideia de uma barreira separando os autores chineses do resto do mundo, essa ideia foi sendo dissipada por outras intervenções, nomeadamente as de Hong Ying e Pan Wei, que participaram num seminário com Luís Cardoso e Vanessa Bárbara, na Universidade de Macau, e que não deixaram de mostrar o quanto a hipótese de acederem à produção cultural de outros países lhes abriu os horizontes, influenciando de forma decisiva a sua escrita. Uma vez mais, as ideias prévias com que aqui chegámos revelam-se pouco úteis para compreender o que se vai passando. Mais importante é ouvir e conhecer, e o Rota das Letras assegurou que assim era a cada dia.

VIAGENS, HUMOR E SALA CHEIA

Uma das sessões mas animadas do festival teve lugar na Fundação Rui Cunha, no centro da cidade, e juntou Carlos Vaz Marques, Alexandra Lucas Coelho, Joaquim Magalhães de Castro e Deana Barroqueiro à volta do tema da literatura de viagens. O debate começou na mesa, com visões muito diferentes sobre o passado expansionista português e a sua herança, mas rapidamente se instalou na plateia, onde as formas de ler o mundo apresentadas pelos escritores presentes foram transformadas num pretexto para elogiar a expansão portuguesa (ou os descobrimentos, conforme se preferir e sabendo que as palavras têm significados mais amplos do que a semântica convencional deixa crer) e, sobretudo, num ponto de partida para demonstrações saudosistas sobre ‘o império’ e as qualidades intermináveis ‘dos portugueses’, generalizando o que não é generalizável e criando um fosso difícil de vencer num local que integrou esse tão falado império, mas que é, há já vários anos, território chinês. Para lá da geo-política que marca territórios e traça fronteiras, digamos que Macau está mais próximo de um ponto nevrálgico onde várias heranças e identidades se cruzam do que de um vestígio nostálgico de qualquer império, mas aqui estaremos a fugir do campo jornalístico. Para nos centrarmos no que ocupou a plateia naquele fim de tarde, não mentiremos se dissermos que foram duas visões anacrónicas de um mesmo lugar, o lugar onde quase todas as pessoas do público vivem sem que te-



Rua perto do Mercado Vermelho



Incenso no templo de A-Ma

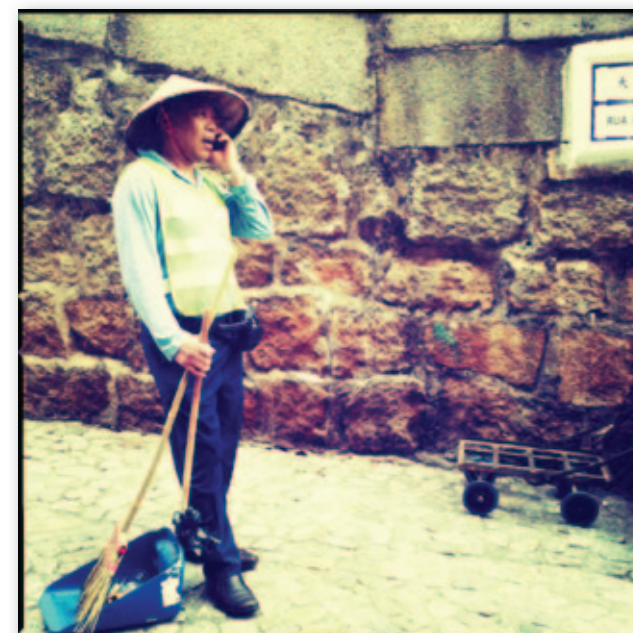
r o t a d a s l e t r a s

nham grandes pontos de contacto no modo como o vêem. Para uma abordagem ao modo de se perceber um lugar, digamos que foi um debate fundamental e muito rico em elementos que haveriam de voltar a surgir nos dias seguintes, quer no festival, quer nas ruas.

Na Escola Portuguesa, um ginásio com centenas de alunos de diferentes idades aguardou com ansiedade a chegada de Rui Zink e Ricardo Araújo Pereira. Percebia-se que a maioria conhecia o humorista através da internet e talvez não soubesse muito sobre o trabalho do escritor, mas no fim da conversa não havia muitos miúdos indiferentes às palavras de ambos. Entre trocadilhos cúmplices e oioioio, Ricardo Araújo Pereira revelou-se generoso nas respostas e na partilha de histórias de vida que ajudaram a construir o seu trabalho, explicando que fazer rir as pessoas é uma forma de chegar até elas sem ser preciso nenhum contacto físico, sendo essa a maior dificuldade e a maior conquista do humor: «A gente lê o Marquês de Sade e ele gaba-se de provocar este e aquele efeito nas senhoras. Sim, está bem, a tocar-lhes também eu!». Do outro lado da mesa, Rui Zink confirmou que continua a ser um professor que gosta de ensinar, para além de um escritor tão atento aos mecanismos da escrita como aos do mundo: «O segredo da felicidade é fazermos aquilo de que gostamos. Mas guardem esse segredo, porque se os nossos empregadores descobrem que temos algum prazer a trabalhar, então vão querer deixar de nos pagar». Dois dias depois a cena haveria de repetir-se, desta vez no auditório do Centro Cultural de Macau e perante uma plateia adulta. E se havia dúvidas sobre a lógica de repetir um painel, ainda que em espaços e com públicos muito



Livraria Portuguesa



Varredor de rua, junto às Ruínas de São Paulo

diferentes, a performance do escritor e do humorista dissipou-as. Com mais tempo e com outro tipo de atenção do lado da plateia, Ricardo Araújo Pereira voltou aos mecanismos do humor, agora dissecando processos e reacções em busca de uma teoria, e Rui Zink regressou à literatura como território onde todos os exemplos podem encontrar-se, bem como os seus contra-exemplos, insistindo na ideia de ser possível encontrar humor em quase todas as obras, incluindo as de Pessoa ou Camões. Quem ouviu as suas leituras alternativas do soneto «Transforma-se o amador na cousa amada» ficou esclarecido.

DIÁLOGO ENTRE ARTES E LINGUAGENS

Nem só de literatura se fez o Rota das Letras. Théodore Mesquita e Huang Liyan inauguraram uma exposição do seu trabalho na Casa Garden, onde se situa a Fundação Oriente, Alice Kok comissariou uma colectiva de artistas de várias nacionalidades, no edifício do antigo tribunal de Macau, onde se mostraram obras na sua maioria inéditas e criadas de propósito para o festival, e o Albergue recebeu a exposição biobibliográfica de homenagem a Jorge Amado, cuja inauguração contou com a presença de Paloma Amado, filha do escritor, que também apresentou o filme *Jorge Amado*, de João Moreira Salles, encerrando oficialmente os festejos do centenário do nascimento do autor de *Capitães de Areia*.

O cinema começou por marcar presença ainda antes da abertura oficial do festival, com a exibição de *Nada Tenho de Meu*, de Miguel Gonçalves Mendes, e prosseguiu com *Diários da Mongólia*, de Joaquim Magalhães de Castro, com a estreia de *A Última Vez que Vi Macau*, de João Rui Guerra da Mata e João Pedro Rodrigues, antecedida por duas curtas metragens dos mesmos realizadores (*China, China* e *Aurora Vermelha*, formando o ciclo de filmes asiáticos que a dupla tem estado a criar), com *Hou Bo*, *Xu Xiaobing*, *Mao's Photographers*, de Claude Hudelot e Jean-Michelle Vecchinet, e com uma sessão no cinema Alegria reunindo *Journey to the South*, de Wiseman Wang, *Na Escama do Dragão*, de Ivo M. Ferreira (em estreia) e *Capitães de Areia*, de Cecília Amado. No campo musical, marcado por vários momentos, destacaram-se os concertos de Joanna Wang, cantora de Taiwan, e da dupla Dead Combo com Camané, que fez levantar a plateia do Cotai Arena por mais de uma vez. E já depois do festival, o Teatro Bruto haveria de subir ao palco do Teatro D. Pedro V com a peça *Canil*, a partir de um texto original de Valter Hugo Mãe, mas nesse dia já a *Blimunda* estava de regresso a Lisboa.

Num balanço possível de dias tão cheios, digamos que uma das coisas que atravessou os dias deste festival foi a constatação de que o Rota das Letras toca a cidade, ainda que não lhe altere as rotinas. Em Macau vivem mais de quinhentas mil pessoas e não seria de esperar que o trânsito parasse por causa de um festival literário (na verdade, não é de esperar que o trânsito pare por ne-

r o t a d a s l e t r a s

nhum motivo, mas isso já nada tem a ver com literatura ou eventos culturais). Aqui, como em qualquer cidade do mundo, um festival literário chega acima de tudo aos leitores, os já conquistados e os potenciais, e o que se viu nestes dias foi uma presença constante de muitos desses leitores, e nem sempre os mesmos de uns dias para os outros, o que leva a crer que o público fiel está assegurado e que há ainda muito espaço para chegar a mais pessoas.

Sem ponto de comparação com a edição anterior, resta-nos perguntar a quem assistiu que mudanças aconteceram de um ano para o outro. E de muitas perguntas e respostas, o que fica é a ideia de um festival mais estruturado nos seus objectivos e com uma programação mais rica, espalhada por vários espaços da cidade. Com isso parece ter-se conquistado a diversidade de públicos que todos os festivais procuram e a mobilidade que só pode beneficiar um projecto cultural onde a literatura se cruza com outras formas de expressão e, acima de tudo, onde aquilo que entendemos por identidades culturais se mistura sem medo de perder o passo ou o espaço. Dizer que o Rota das Letras acontece do outro lado do mundo é, afinal, pouco preciso, porque o festival que ocupa Macau durante uma semana de Março tem horizontes muito mais vastos do que a geografia deixa acreditar. ■



Ruínas de São Paulo



Cozinheira numa banca de rua

Em Macau, tropeçando no mundo (crónica de viagem)

Sara Figueiredo Costa

texto originalmente publicado
no jornal *Ponto Final*, de Macau

CHEGAR A MACAU SEM NUNCA ter posto os pés no Oriente, com a missão de acompanhar o festival literário Rota das Letras e com a vontade de conhecer a cidade onde dizem que tudo se encontra, sobreviver a um voo de doze horas (e ao medo de voar), não saber quase nada sobre o que esperar da cidade. Viajamos sempre com os nossos preconceitos, a bagagem que temos dos livros, dos filmes ou da fotografia, e que pode ser apenas um lastro de ideias generalizadas. Sabemos que somos todos mais iguais do que distintos e que essa monotonia só se quebra pelo espanto com o que é diferente, mesmo quando não é tão diferente quanto parece, ou pelo encontro. Se o que desejamos é alcançar esse encontro, o espanto não deixa de ser necessário.

A chegada fez-se com as imagens do cinema chinês, a poesia de Li Shang-Yi, algumas referências muito dispersas: a caligrafia, a imprensa, a censura, o regime fechado, as linhas de comboio a perder de vista, a ideia de que Macau é a China, mas não é bem a China. E fez-se

ainda com as inevitáveis generalizações: os chineses são fechados, individualistas, antipáticos, as ruas cheiram mal, a comida é estranha, ninguém fala português e o que restava do império que parece deixar saudades a tanta gente quase se perdeu. Não será difícil imaginar o inverso, alguém viajando da China para Portugal com a ideia de que os portugueses são todos hospitaleiros e simpáticos, coisa tão fácil de confirmar como de contrariar. Não é diferente deste lado do mundo. A língua é barreira intransponível, sim, mas gesticular e ter à mão um mapa com as ruas em cantonês resolve quase tudo. De resto, o mundo não é um lugar assim tão estranho e Macau não é exceção, mesmo com todos os casinos, néons e carros enlouquecidos convivendo com templos silenciosos, igrejas portuguesas, mercearias com peixe seco e insectos em boiões de vidro.

A mulher que me sorri quando atravesso um pequeno pátio perto do templo de Na Tcha não sabe nada de mim e há-de ver-me com a sua própria bagagem

de preconceitos e ideias feitas. Cruzamo-nos, apenas, ela sorri, eu correspondo e a noite que desce sobre Macau torna-se um momento familiar que podia ter acontecido em qualquer parte do mundo sem que o castigo de Babel pudesse fazer algo para impedir o encontro. No dia seguinte haveria de passar dez minutos a tentar explicar a um taxista para que rua queria ir e só um mapa em cantonês me salvaria. Isso e a boa vontade do motorista, que passou dez minutos com o taxímetro desligado a tentar descobrir a rua onde estou a morar. As generalizações servem para muito pouco.

Quanto aos vestígios da presença portuguesa, o tema parece ser sensível, como se constata em vários debates do festival. Pela minha parte, não vim a Macau à espera de nada a não ser acompanhar o Rota das Letras e abraçar um amigo que generosamente me acolheu em sua casa e acredito que essa é a melhor maneira de chegar a um sítio. A herança portuguesa diz-me tanto como outra herança qualquer e não cheguei a este lado do

mundo com desejos de reconhecer calçadas ou pastéis de nata de outros tempos, pelo menos não como quem pasma com a glória do passado. O património está cá, sim, e vale a pena vê-lo, tanto como vale a pena não perder os templos, as ruelas onde se vende comida em bancas e onde toda a gente come de pé, os casinos que assustam de tão grandes e que são uma espécie de *twilight zone* barulhenta e frenética onde os funcionários públicos não podem entrar mas onde todas as outras pessoas podem torrar as suas economias ou brincar com as suas fortunas como se o mundo não continuasse a rodar. O que verdadeiramente me entusiasma no que à presença portuguesa diz respeito são as pessoas que conheço por estes dias, capazes de me fazerem sentir em casa a tantos quilómetros de caminho, e é o Rota das Letras, festival que mexe com uma cidade onde, dizem-me, não acontecem assim tantas coisas no âmbito cultural. As salas por onde têm passado escritores, cineastas e artistas plásticos de língua portuguesa, francesa ou chine-

sa têm estado sempre cheias, o debate é constante e muito participado pelo público e a possibilidade de quebrar barreiras e esgrimir pontos de vista é constante. Não há herança mais importante e é no presente que a construímos.

Macau parece ser o resultado desta mistura, muito mais do que uma ex-colónia, um posto de saudades perdidas, uma plataforma entre a China onde tudo se proíbe e o caminho para um Ocidente que quase nada sabe da China. Macau são as ruas atulhadas de gente em movimento e os jardins silenciosos, as pessoas que cospem para o chão e que sabem sorrir como em qualquer parte do mundo, a confusão do Porto Interior e o incenso dos templos, tudo misturado com casinos que funcionam ininterruptamente, homens que remam pela manhã nos lagos de Nam Van, gente que come sopa e patas de galinha a qualquer hora do dia, gente que fala cantonês, gente que fala português. Tudo novo para quem chega, tudo igual ao que o mundo sempre foi. ■

infantil e juvenil

BOLONHA: UMA MONTRA COM CINQUENTA ANOS

Andreia Brites

*Por ocasião do cinquentenário da Feira do Livro Infantil de Bolonha, que decorreu entre 25 e 28 de março, a **Blimunda** dedica um dossier ao certame: uma sinopse dos factos mais importantes, a presença portuguesa e as escolhas de quem lá esteve. **Mariana Rio**, a única ilustradora portuguesa seleccionada para a edição de 2013 da Exposição dos Ilustradores, na Feira, acompanha as palavras com as suas ilustrações.*



N

uma Feira que se estende ao infinito (é o que sente quem a calcorreia ao longo de quatro dias), perguntamo-nos porque não há editoras portuguesas com stands próprios. Estranhámos, quando encontramos e reconhecemos tantas outras, de todas as partes do mundo. Antes de críticas apressadas, há uma história para contar.

Se a Feira Internacional do Livro Infantil de Bolonha é a maior feira de compra e venda de direitos de livros infantis e juvenis do mundo, estar lá tem um preço, e esse preço é muito alto. Um stand de 16m² (uma das áreas mais pequenas) pode custar perto de 5000€. Ao alugar crescem as viagens do(s) editor(es), a estadia (cujos valores disparam nesta altura), a alimentação e o transporte dos livros e dos painéis para decorar o stand (que fica a cargo da editora). Isso significa que, na maioria dos casos, o investimento não compensa. Por outro lado, é certo que ter um stand dá visibilidade e prestígio à editora, cujo nome passa a integrar o catálogo da Feira e pode concorrer aos Bologna Ragazzi Awards, mostra anual de referência de autores e editoras.

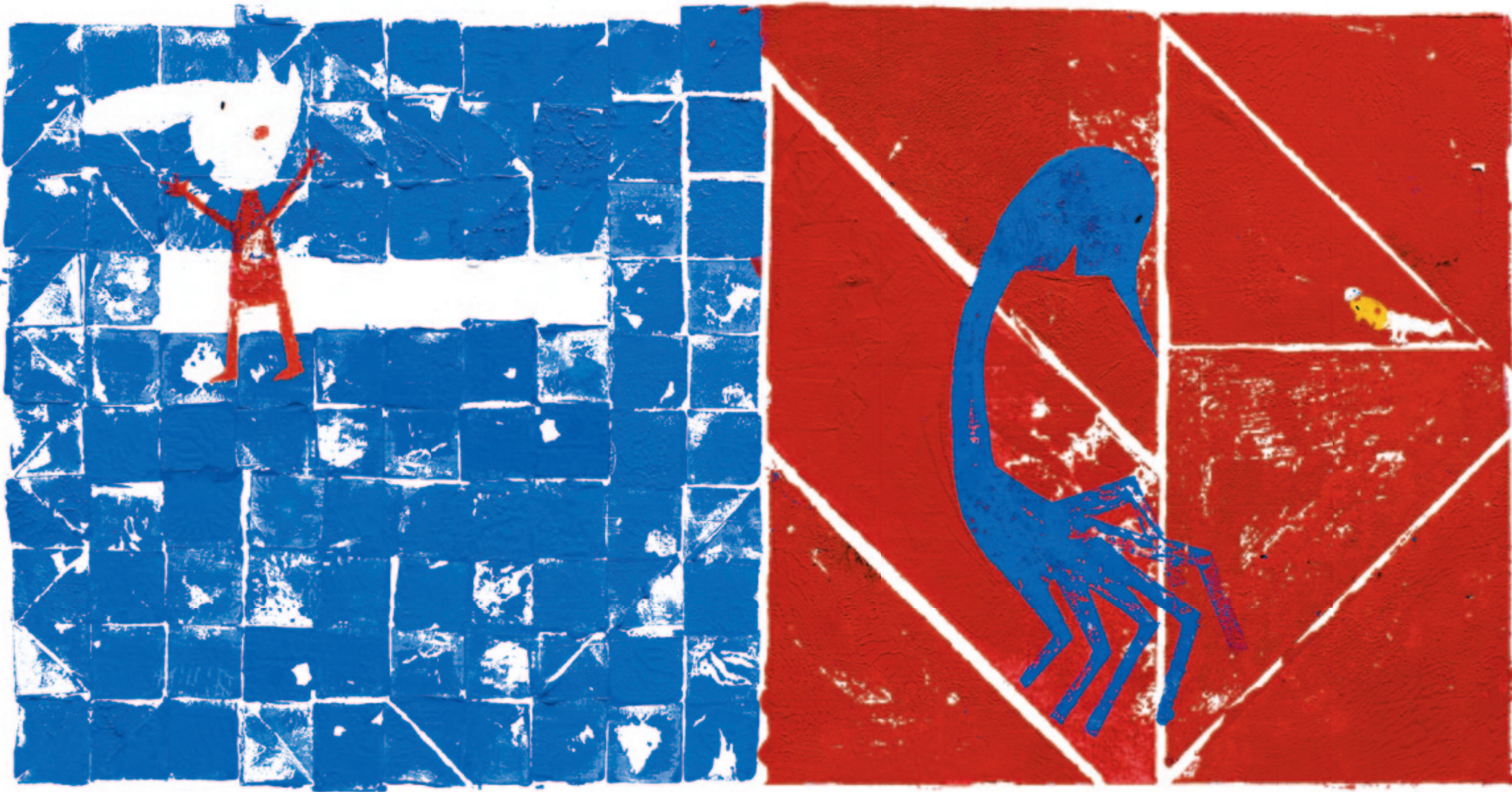
Pela primeira vez, na edição de 2013, o Planeta Tangerina alugou um stand. Já tinha partilhado espaço com outras editoras, como a Toppipitori, na condição de editora convidada, otimizando recursos. Porque consegue o Planeta Tangerina suportar o investimento e outras editoras não?

A grande diferença está no objetivo da editora, que vai à Feira vender direitos e não comprá-los. Neste momento o catálogo que apresenta, com 34 títulos originais, viabiliza um espaço onde os editores os possam mostrar nas reuniões e ao público em geral. Para além disso, o Planeta tem vendido os seus livros para muitas editoras estrangeiras de qualidade, ao longo dos últimos anos, consolidando assim o reconhecimento que justifica um espaço próprio.

Inversamente, Carla Oliveira, a editora da Orfeu Negro, vai anualmente a Bolonha mas nunca alugou um espaço porque no seu catálogo tem apenas dois títulos originais (de Catarina Sobral) e grande parte das reuniões agendadas destinam-se à compra de direitos de livros estrangeiros.

Uma das tendências comerciais da Feira aponta para que os editores que vendem tenham stand, onde recebem os editores que compram, exibindo, a todos os visitantes, o seu catálogo. Como as reuniões são marcadas previamente, em contactos entre os editores, e cada uma tem a duração máxima de meia hora, todos chegam a Bolonha com a agenda organizada e o roteiro traçado.

b o l o g n a



Se na mala levarem três, cinco, dez títulos, basta um trolley e uns bons sapatos. Muitos dos editores portugueses já foram a Bolonha, mesmo que não o façam anualmente. Fazem contactos, veem os livros estrangeiros, manuseiam o papel, observam as ilustrações, os formatos dos livros, as cores... complementam a informação que receberam via internet, em pdf, ou através de pesquisas em revistas e catálogos online. E têm reuniões, muitas reuniões. É um trabalho invisível, que escapa a quem visita a Feira sem um sentido comercial, para ver livros, exposições, e assistir à programação cultural.

Num contexto especial, quando Portugal foi o país convidado da Feira, em 2012, seis editoras independentes uniram esforços e alugaram, em conjunto, um stand. A Pato Lógico, Gatafunho, Bags of Books, Edições Eterogémeas, Tcharan e Trinta por uma Linha encontraram assim uma forma de serem vistas e reconhecidas e de potenciarem também os seus interesses comerciais. A sua localização, estrategicamente ladeada pelo stand de Portugal, da responsabilidade da DGLAB (Direção Geral do Livro, dos Arquivos e das Bibliotecas), ampliou o número de visitantes que no stand português viam um ou outro livro destas editoras e eram imediatamente encaminhados para o espaço contíguo. Para além disso, o facto de Portugal ser país convidado atraía mais atenções do que em anos anteriores, sobretudo devido à exposição de ilustração *Como as Cerejas*, que se apresentava no pavilhão central do certame, como é tradição com todos os países convidados. O facto de, logo à entrada, o visitante se deparar com os trabalhos de cin-

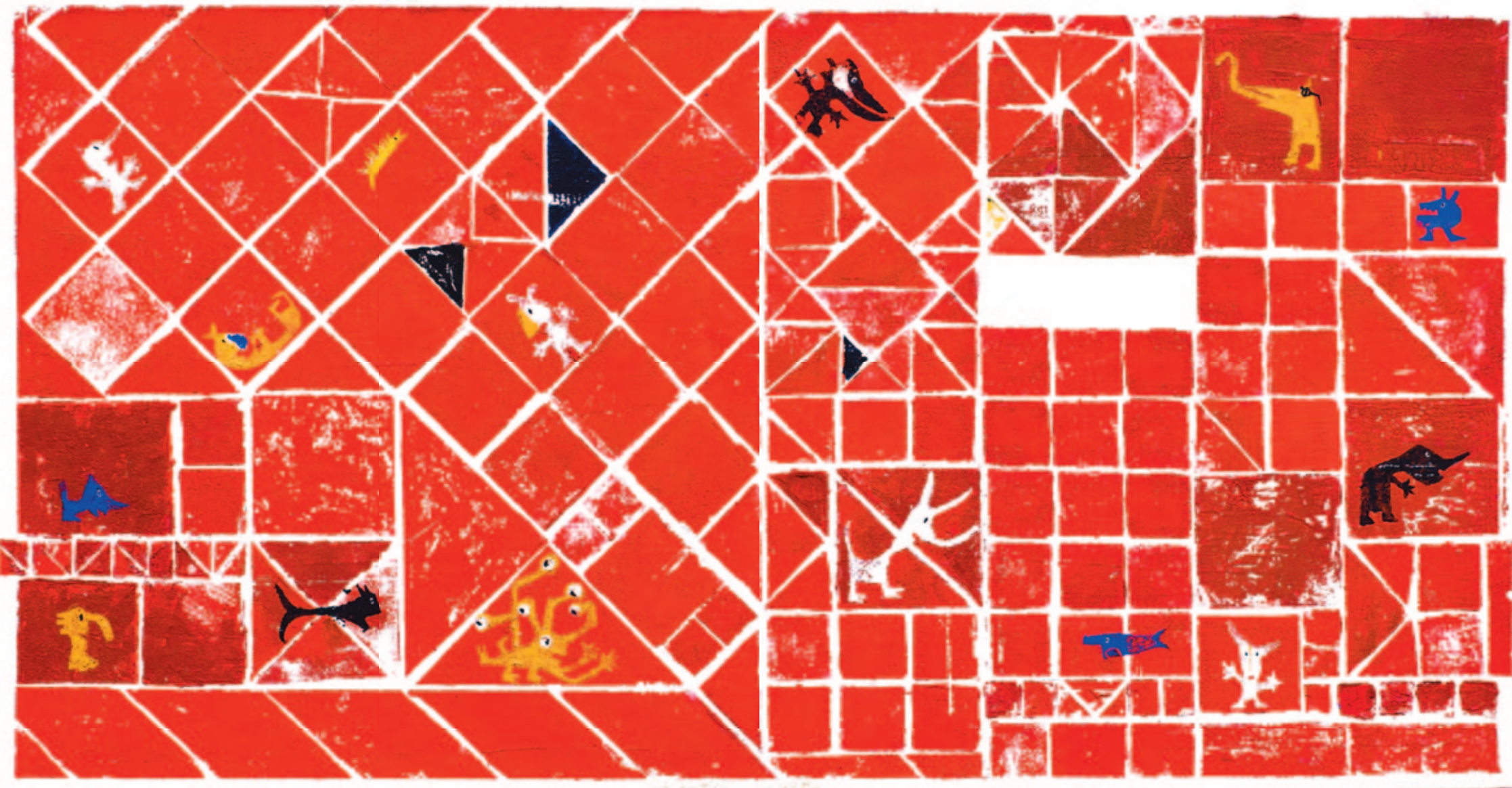
quenta autores portugueses, podendo folhear os livros a que pertenciam as ilustrações expostas, aumentou amplamente a curiosidade em relação à criação e edição nacional.

Foi também por essa razão que a Faculdade de Belas Artes de Lisboa decidiu igualmente alugar um espaço, determinada a mostrar trabalhos de alunos. Correu bem, tão bem que a experiência se repetiu na edição de 2013.

Mas a primeira participação portuguesa com stand foi através da APEL, ainda no século passado. A associação albergava os editores interessados que partilhavam o espaço para mostrar catálogos e reunir com editores estrangeiros. Presença, Verbo e Caminho passaram por lá. Depois, com o aparecimento dos grandes grupos e os consequentes monopólios, este modelo deixou de fazer sentido e a última vez que a APEL levou um stand a Bolonha foi em 2009.

Simultaneamente, a DGLAB (na altura IPLB) assumia outra política de divulgação de autores portugueses. Até 2008, uma pequena equipa ia à Feira mostrar catálogos que preparava e traduzia, estabelecendo contactos com instituições estrangeiras como a Biblioteca Internacional da Juventude, de Munique, representações oficiais de outros países ou o IBBY internacional. Em 2003, teve pela primeira vez um stand em parceria com a Bedeteca de Lisboa, para levar a Itália a exposição de ilustração *Os Meus Monstros*, originalmente concebida para o Salão Lisboa em 2002, na qual cinquenta ilustradores portugueses criavam e descreviam o seu monstro imaginário.

bologna





Logo no ano seguinte, em 2004, o Instituto Português do Livro e das Bibliotecas lançou um programa de apoio à ilustração no estrangeiro, cofinanciando edições com ilustração de autores portugueses, o que potenciou a sua divulgação fora do país. Este apoio público, a par com o aparecimento de uma nova geração de ilustradores com influências e identidades muito diversas, levou o livro infantil português numa nova direção, mais centrada no álbum do que alguma vez estivera. Este boom confirmou-se em 2008, com a exposição *Ilustradores.PT*, que esteve patente durante a Feira no Palácio d'Accursio, bem no centro histórico da cidade. Com curadoria de Eduardo Filipe e Ju Godinho e conceção artística de Gémeo Luís, a exposição granjeou muito sucesso internacional, assegurando digressões a Paris e Londres, depois da Feira. Os ilustradores portugueses entravam, quase de rompante, para a galeria do reconhecimento internacional e começavam a ser um forte chamariz para a edição nacional de álbuns para a infância.

Ao constatar o interesse de visitantes e participantes na Feira, a atual DGLAB assume então o aluguer de um stand em 2008, mantendo a sua presença em Bolonha desde então (excetuando o ano 'horribilis' de 2011). Todos os anos, a equipa leva na bagagem um conjunto de livros que representam o melhor que se editou em Portugal no período entre feiras, tendo como principal critério a ilustração e levando em linha de conta os principais prémios que se atribuem por cá (Prémio Nacional de Ilustração, Branquinho da Fonseca, Prémio para Melhor Álbum no Festival de BD da

Amadora...). Não se descarta o texto, mas privilegia-se a imagem, que é o que mais vende em Bolonha. Apesar de constarem narrativas mais longas, não são essas as mais apelativas, porque esses pdfs, quando recebidos, não são muito diferentes do objeto físico e ali, quando se percorrem os escaparates, muitas vezes os leitores não dominam a língua para conseguirem descortinar o sentido do texto.

O stand da DGLAB é uma espécie de ilha, onde todos aportam: ali se cede o espaço para reuniões de editores portugueses que não têm stand, ali se responde a questões de agentes, visitantes e editores estrangeiros sobre um ou outro livro exposto, ali se trocam contactos e guardam mensagens que se transmitem, no regresso, a quem ficou em terra.

Ali se fazem lançamentos, ali se conversa de passagem, de fuga, sempre a correr. Quem está no lado de dentro, assume que da Feira vê muito pouco. Afinal, a sua função é dar a ver o que se faz em Portugal.

A verdade é que, fazendo-se cada vez melhor, stands de outras editoras e de outros países continuam, à primeira vista, a esmagar a presença portuguesa. Mas quando se ruma, por exemplo, à livraria infantil de culto Giannino Stopani, mesmo no centro da zona velha da cidade, os álbuns de qualidade partilham escaparates. Aí podemos encontrar um português com um mexicano, ou coreano, ou suíço, ou iraniano. A dimensão dos países perde-se nos livros, e no fundo, só eles contam. ■

b o l o g n a



A Feira de Bolonha

A primeira edição da Feira é em abril de 1964, no centro da cidade e conta com 44 stands de 11 países. Hoje são mais de 1000, oriundos de quase 100 países.

O principal eixo da Feira é a ilustração com uma exposição internacional, desde 1967. Onze anos depois, uma parceria com o Itabashi Art Museum, no Japão passou a levar as exposições em itinerância.



O Japão foi o primeiro país convidado em 1994. Brasil, África, Itália, Países Árabes, Grécia, Espanha, Argentina, Coreia e Portugal foram alguns dos que se seguiram.



Em 2011 nasce o TOC – Bologna, um encontro para discutir a edição digital, que se realiza no dia anterior à abertura.

Maurice Sendak mereceu uma exposição retrospectiva nos 25 anos da Feira.

A programação inclui conferências, lançamentos e apresentações de livros, conversas com autores e ilustradores, exposições.



Os Prêmios ALMA, Hans Christian Andersen e o IBBY– Asahi Reading Promotion Award são anunciados na Feira.

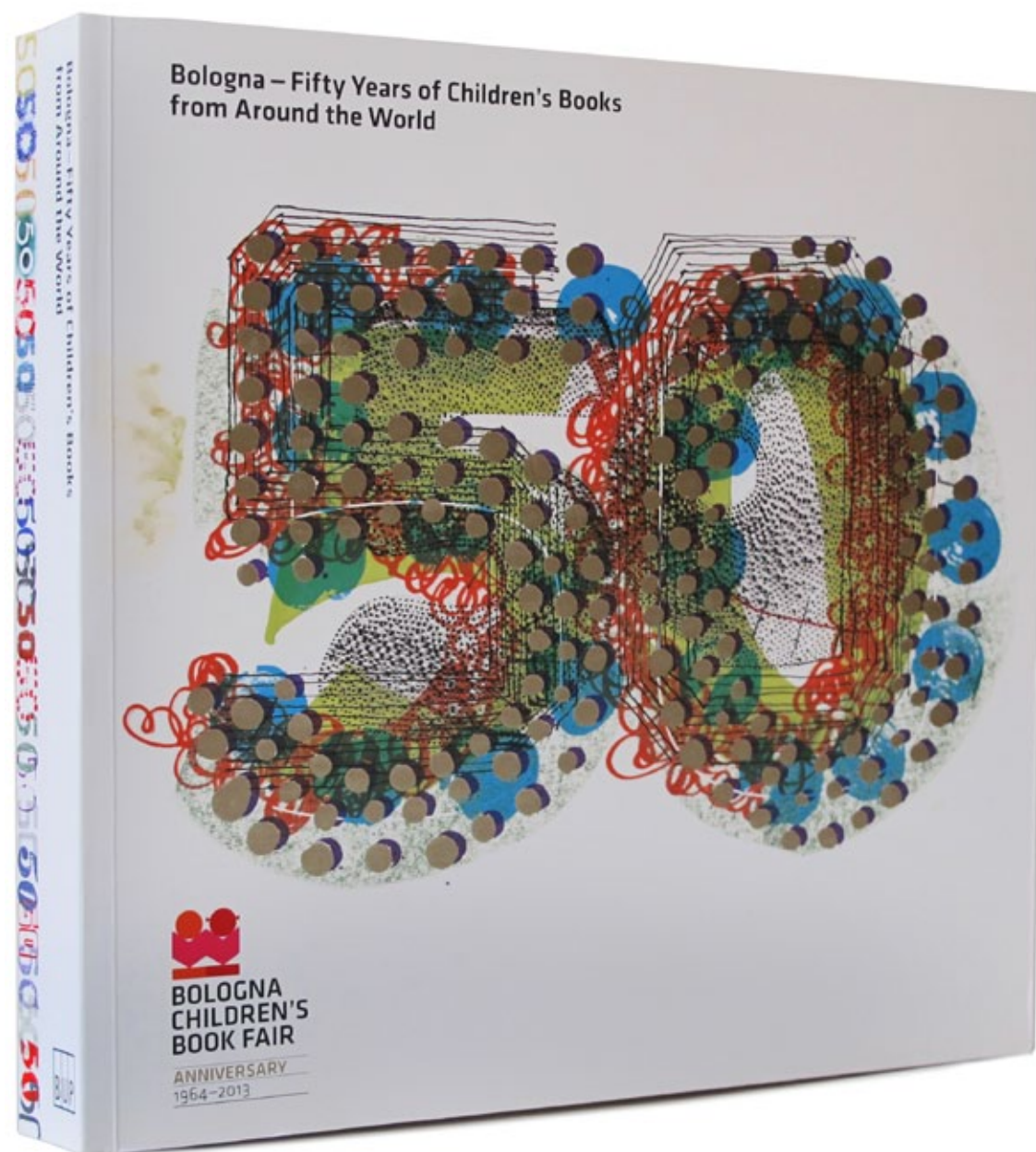
O muro onde ilustradores de todo o mundo deixam desenhos e contactos é um lugar de culto.

É comum ver filas de ilustradores com os seus portefólios, à espera da sua reunião com os editores.

Apesar de não ser permitida a venda de livros, na última manhã de Feira procuram-se oportunidades, preços de saldo e até ofertas.

Mural de ilustradores

O mote foi escolherem um livro que tivessem descoberto em qualquer edição da Feira de Bolonha em que tivessem estado, e que os tivesse surpreendido, espantado, marcado. Editores, ilustradores, escritores, livreiros e professores responderam ao desafio. Aqui se apresenta uma pequena mostra do mundo que se expõe em Bolonha.





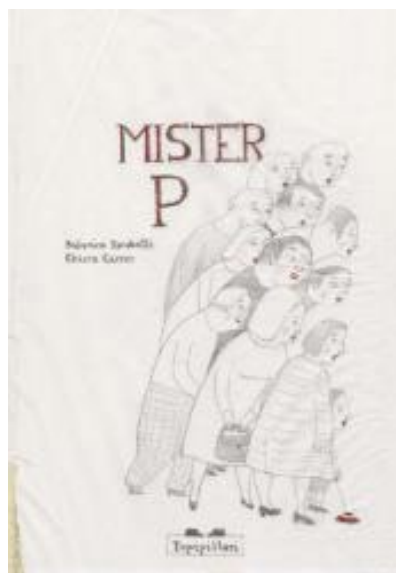
Adélia Carvalho
 ESCRITORA, EDITORA DA TCHARAN, LIVREIRA
Marie og de viktige tingene
 Tine Mortier e Katje Vermeire
 Omnipax



André Letria
 ILUSTRADOR, EDITOR DA PATO LÓGICO
On ne copie pas
 Olivier Douzou e Frédérique Bertrand,
 Editions du Rouergue, 1998



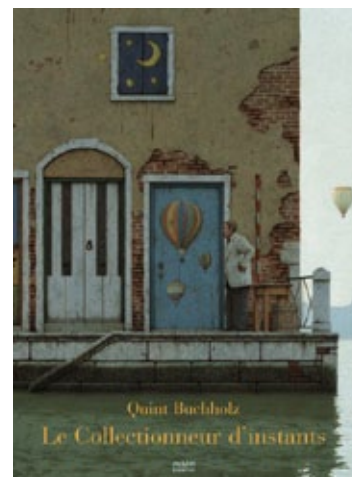
Alex Gosblau
 ILUSTRADOR
Nel Cimitero
 Matteo Gubellini
 Logos Edizioni, 2011



Afonso Cruz
 ILUSTRADOR, ESCRITOR
Mister P
 Federica Iacobelli, Chiara Carrer
 Topipittori



Ana Margarida Ramos
 PROFESSORA UNIVERSITÁRIA, INVESTIGADORA DE LIJ
Do!
 Gita Wolf, Ramesh Hengadi
 Rasika Hengadi e Shantaram Dhadpe
 Tara Books, Índia, 2009, Prémio Bolonha 2010



Carla Maia de Almeida
 ESCRITORA, JORNALISTA
Le Collectionneur d'instant
 Quint Buchholz, Milan Jeunesse, 1998



Ana Maria Pereirinha
 EDITORA DA PLANETA
L'Amour t'attend
 Fabian Negrin, Éditions Notari



Carla Oliveira
 EDITORA DA ORFEU NEGRO
Lavori in Corso
 Taro Miura, Corraini, 2007



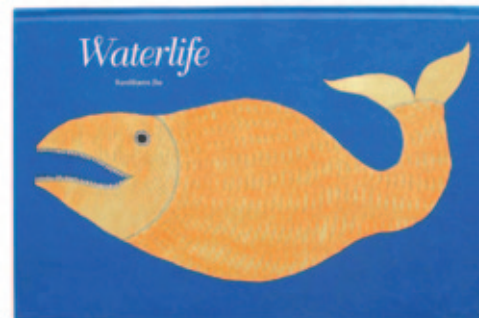
Catarina Sobral
ILUSTRADORA
Faites votre marché

Nathalie Parain, Editions Memo



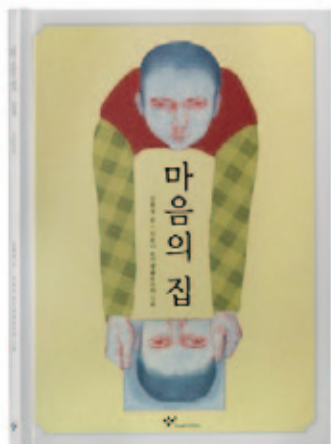
Dora Batalim
PROFESSORA UNIVERSITÁRIA, MEDIADORA DE LEITURA
Io Aspetto

Davide Cali & Serge Bloch
Emme Edizioni, 2006
edição portuguesa Eu espero, Bruuá



Danuta Wojchekowska
ILUSTRADORA

Waterlife
Rambharos Jha, Tara Books



Francisco Vaz da Silva
EDITOR DA BAGS OF BOOKS, LIVREIRO
A house of the mind: maum

Kim Hee-Kyung, Iwona Chmielewska
Changbi Publishers



João Manuel Ribeiro
ESCRITOR, EDITOR DA TRINTA POR UMA LINHA
Ceci est un poème qui guérit les poissons

Jean-Pierre Siméon, Olivier Tallec, Rue du Monde



João Vaz de Carvalho
ILUSTRADOR
The Slant Book

Peter Newell, 1910
edição portuguesa, O Livro Inclinado, Orfeu Negro



Eduardo Filipe
COMISSÁRIO DA ILUSTRATE, CURADOR DE EXPOSIÇÕES DE ILUSTRAÇÃO

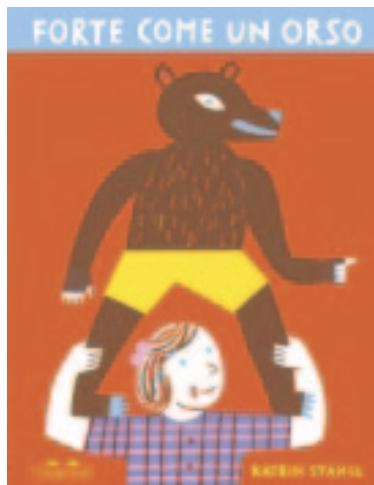
The Thorn Mountain

Park Sun Mi, Some Press, Korea, 2012

Ju Godinho
COMISSÁRIA DA ILUSTRATE, CURADORA DE EXPOSIÇÕES DE ILUSTRAÇÃO

Lalala

Cho Sunkyoung, Some Press, Korea 2011



Mariana Rio
ILUSTRADORA

Forte Come un Orso

Katrin Stangl, Topipittori
reedição do livro editado pela alemã Carlsen



Margarida Noronha
EDITORA DA KALANDRAKA

Petit Robert et le mystère du frigidaire

Marc Jeanneret, Brico Jardin, Fabian Negrin,
Simon Aeschmann, Éditions Notari, 2010



Marta Madureira
ILUSTRADORA, EDITORA DA TCHARAN

Les poings sur les îles

Élise Fontenaille e Violeta Lópiz
Rouergue, 2011



Miguel Gouveia
EDITOR DA BRUAA

Chimères génétiques

Julie Lannes, Atelier du Poisson Soluble, 2011



Rita Pimenta
JORNALISTA

Hekayatnameh

Hoseyn Mo'Allen, Bahram Khaef, Kourosh
Parsanezhad, Institute for the Intellectual
Development of Children & Young Adults, 2003



Rosário Alçada Araújo
EDITORA DA OFICINA DO LIVRO, ESCRITORA

Le Journal d'Aurélié Laflamme, extra-terrestre... ou presque

Índia Desjardins, Les Intouchables, 2006
edição portuguesa, O Diário de Aurora,
Extraterrestre...ou Quase!, Oficina do Livro



Sara Reis da Silva
PROFESSORA UNIVERSITÁRIA, INVESTIGADORA
DE LITERATURA INFANTO-JUVENIL

Catálogo de Besos

Raquel Díaz Reguera, Thule Ediciones



Sílvia Borges Silva
JORNALISTA

Diapason

Laëtitia Devernay, La Joie de Lire, 2009

QUEBRA-CABEÇAS

Helena Carvalho

Mariana Rio

Edições Eterogêmeas

Este *Quebra-Cabeças* desafia o leitor a abandonar-se ao novo. Na leitura, cada um tem a sua experiência de descoberta e reconhecimento, e o novo para uns não passa de uma repetição para outros. Mas há, em paralelo com o percurso subjetivo do leitor, o acontecimento da criação que, independentemente de sempre ir beber muito do que é ao que já existe, rediz, reconfigura, reconstrói o mundo.

A beleza do corpo não é um tema novo, sequer moderno. Aqui usa-se o que se conhece para propor um desvio dessas certezas. Usa-se uma fórmula mágica para negar juízos antinômicos: a fórmula mágica é o questionamento, a mudança de perspectiva, a ironia da contingência.

«Os olhos são pintores, magníficos ilusionistas, que, ora fazem desaparecer a imponência dos pássaros, ora multiplicam beleza pelas rosas amarelas.» As metáforas sucedem-se redimensionando o corpo e reduzindo-o a uma ou outra parte (mãos e coração), a uma função (a desarrumação), a uma emoção (um sorriso, um abraço). No final, a lição é simples: o corpo não tem qualquer sentido se não alcançarmos a cada momento uma das suas potenciais metamorfoses, por isso não tem beleza estática e absoluta: «Para que servem então os corpos perfeitos senão para estátuas e peças de coleção?»

O texto de Helena Carvalho funde a sua retórica poética com o próprio tema e a técnica do carimbo de Mariana Rio modifica o corpo original, marcando-o, inscrevendo-lhe algo que o prolonga na sua identidade. A ilustração, que enche todas as páginas, captura o próprio texto



para o seu interior e oferece-lhe novos seres. Estes, pequenos e delicados monstros, observam-se na sua igualdade e experimentam novos e transgressores movimentos. A geometria dos fundos que Mariana Rio cria a partir dos contornos e jogos de cores, sempre e unicamente primárias, dá uma ilusão de ordem: quadrados e triângulos atravessados por linhas brancas parecem ladrilhos. Sobre eles, figuras exóticas, com oblongos narizes vermelhos, múltiplos membros, caudas desproporcionais ou olhos exteriores ao corpo, rompem, nas suas posições ondulantes, as fronteiras da cor e da forma, apropriando-se de outros espaços.

O jogo de complementaridade de forças expressivas, que une a poética à textura da tinta, dá ao livro um sentido quase orgânico. A vida que ali se vive não é, todavia, inacessível e a leitura apresenta-se surpreendentemente simples. À imagem do que acontece com os outros livros da coleção *Notas à Solta*, das Edições Eterogêneas, este livro não se limita a uma faixa etária ou a um tipo de público. A todos poderá surpreender, e cada um fará uma leitura diferente. O primado da estética e a qualidade gráfica, que desde logo se reconhece na forma quadrada do objeto, no cartão da capa e contracapa, e na apresentação paratextual, é marca da excelência da editora.

Mariana Rio recebeu, por estas ilustrações, uma menção no concurso de 2012 da revista de ilustração americana 3x3. O livro *Quebra-Cabeças* integrou ainda a seleção de 100 Livros para o Futuro, organizada pelo Pavilhão de Portugal, na Feira do Livro de Bolonha em 2012, e a ilustradora foi a única portuguesa selecionada para integrar a Exposição Internacional de Ilustração da Feira, na edição de 2013. ■



ALMA 2013 para Isol

De uma lista de 207 candidatos, muitos repetentes de peso, foi a argentina Isol a distinguida com o Prémio Astrid Lindgren Memorial Award.

Como acontece todos os anos, o presidente do júri, Larry Lempert, anunciou o vencedor a partir de Vimmerby, numa transmissão que foi seguida em direto na Feira Internacional do Livro Infantil, em Bolonha.

Nascida em 1972 em Buenos Aires, Marisol Misenta editou o seu primeiro álbum em 1997, *Vida de Perros* (Fundo de Cultura Económica, México).

O júri justificou a escolha pela perspectiva infantil perante o mundo que Isol oferece nas suas narrativas. Destacou ainda a sua estética expressiva, que alimenta uma espécie de imperfeição no traço e na sua relação com o preenchimento de cor, geralmente esbatida ou suave e que assim se aproxima precisamente desse olhar infantil e crítico sobre o mundo. De entre os dez álbuns que já ilustrou e escreveu, encontram-se linhas comuns, no questionamento ao comportamento dos adultos e à forma como comunicam com as crianças (em *El Globo e Petit, el Monstruo*), ou na relação da criança com o outro, como acontece com o cão ou o pato (em *Vida de Perros* ou *Tener um patito es útil*).

Isol foi nomeada pelo Banco del Libro, da Venezuela, instituição com direito a voto, a par com as diversas instituições que representam o livro e a leitura por todo o mundo, e que foi distinguida com o ALMA em 2007. ■

<http://www.alma.se/en/>

<http://www.isol-isol.com.ar/ISOL/homex6.htm>

Fotografias: <http://www.fundacionlafuente.cl>



BOP:

As seis melhores editoras infantojuvenis do mundo

A portuguesa Planeta Tangerina foi eleita a melhor editora europeia de 2012. O anúncio foi feito na cerimónia de comemoração dos 50 anos da Feira de Bolonha, e a editora portuguesa juntaram-se mais cinco, uma por cada região geográfica do mundo: Bakame Editions, do Ruanda, por África, Tara Books, da Índia, pela Ásia, Chronicle Books, dos E.U.A., pela América do Norte, Gecko Press, da Nova Zelândia, pela Oceânia e a brasileira Cosac Naify, pela América Central e do Sul.

Com marcas identitárias fortes, cada uma destas editoras tem uma história diferente, apostando em autores, línguas, temas, públicos e políticas de promoção do livro bastante heterogêneas. Se o Planeta Tangerina é uma editora exclusivamente infantil e juvenil, a Cosac Naify é uma editora geral, com um vasto catálogo infantil, juvenil e de promoção da leitura com autores internacionais, entre os quais do Planeta Tangerina. Atuando noutra realidade social, a Bakame Editions tem como principal preocupação dar livros à população infantil do Ruanda, acompanhando a sua formação escolar e dinamizando a língua nacional e a Tara Books promove o livro manufaturado, as técnicas artesanais de pintura e desenho e a língua tamil.

Os Prémios BOP – Bologna Prize for Best Publishers, foram criados para assinalar o cinquentenário do certame, prestando reconhecimento aos seus principais agentes, os editores, a quem foi dado o poder de escolha e decisão. Este é, por isso, o reconhecimento das melhores, entre pares. ■

<http://www.planetatangerina.com/pt>

<http://editora.cosacnaify.com.br/Default/1/Cosac-Naify.aspx>

<http://www.tarabooks.com/>

<http://www.bakame.rw/umwihariko/>

<http://www.chroniclebooks.com/>

<http://www.geckopress.co.nz/default.aspx>

REVISTA EMÍLIA

Novos projetos

Cinco meses depois de ter cumprido um ano de existência, a revista digital brasileira Emília, que se dedica à leitura e aos livros para crianças e jovens, alterou o seu portal e acrescentou-lhe novos projetos, tal como tinha prometido aos leitores em setembro de 2012.

Agora, o Educativo Emília aposta numa relação mais próxima com professores e mediadores, com artigos comentados e o desafio de serem o ponto de partida para a troca de comentários e reflexões dos docentes, em Canal Direto, ou através da secção Relatos de Experiências, que se estreia com a partilha da realização coletiva, por adultos, de um livro sobre a sua infância.

Com uma nova organização das secções, a navegação leva o leitor a críticas de livros infantis e juvenis, resenhas, artigos de fundo e crónicas. Para além de Dolores Prades, Thais Camarico ou Gabriela Romeu, há muitos outros nomes, entre os quais alguns que são incontornáveis no universo da leitura e do livro, como Maria Teresa Andruetto, Cecilia Bajour ou Yolanda Reyes.

A revista faz-se de textos exclusivos mas também da divulgação de comunicações e conversas em seminários e encontros, garantindo um importante arquivo documental. Com a terceira edição do seminário Conversas ao Pé da Página e a edição do livro com todas as conversas da edição de 2012, a revista Emília assume-se cada vez mais como uma referência. ■

<http://www.revistaemilia.com.br/index.php>

VI PRÊMIO COMPOSTELA para Mariana Ruiz Johnson

A ilustradora argentina Mariana Ruiz Johnson (1984-) venceu o VI Prêmio Compostela para Álbuns Ilustrados com o livro *Mamá*. Com uma bibliografia dispersa por várias editoras iberoamericanas (SM, Santillana, Ekaré, Edelvives, Fondo de Cultura México), a autora tem álbuns em que também assina o texto, como acontece no caso de *Mamá*, e outros em que trabalha em colaboração com escritores.

O júri destacou como especialmente relevante a utilização da cor, que enche o livro de cores fortes e contrastes.

A obra de Mariana Johnson assume características muito distintas, dependendo dos temas e das técnicas que usa e que variam entre o desenho e a colagem digital. Os padrões, o detalhe, a expressividade das figuras e o movimento ondulante são, todavia, elementos identitários dos seus livros. Para este livro terá contribuído a sua própria experiência recente de maternidade.

À VI edição do prémio, que é atribuído pelo Departamento de Educação de Santiago de Compostela e pela Kalandraka, no âmbito da Campanha de Animação da Leitura do Ayuntamiento de Compostela. Destina-se a originais e o seu valor é de 9000 euros. Este ano estiveram a concurso 374 trabalhos oriundos de 21 países. O júri, do qual fazia parte o ilustrador Emílio Urberuaga, atribuiu ainda duas menções especiais, a *Panda* de Marcos Guardiola Martín e a *Un Día Cualquiera* de Cristina Martín Recaséns.

O álbum vencedor será editado pela Kalandraka, como aconteceu em todas as edições anteriores. ■

<http://www.kalandraka.com/pt/premio-compostela/>

Mariana Ruiz, <http://marianarj.blogspot.pt>



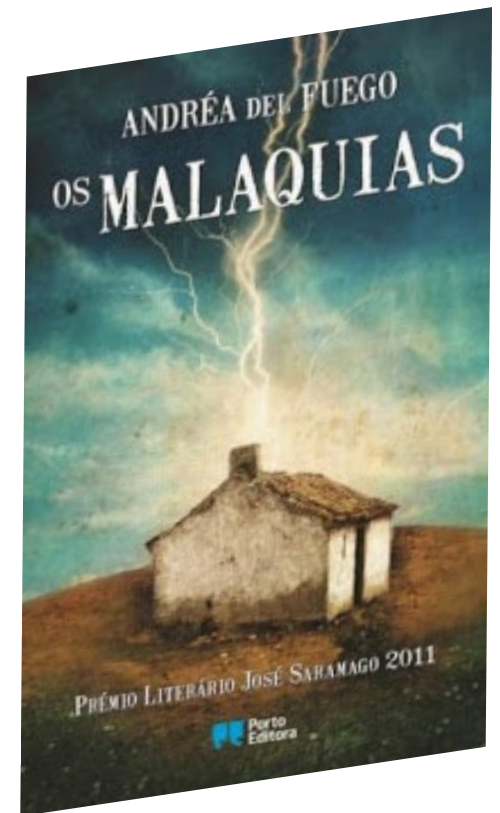


andréa del fuego

Aprendi a escrever escrevendo «Os Malaquias»

entrevista de Ana Sousa Dias

Os Malaquias, romance de um Brasil rural e mágico, deu a Andréa del Fuego o prémio Literário José Saramago de 2011. De autora desconhecida e com edições confidenciais, passou para um reconhecimento que lhe permite viver apenas da escrita. No próximo mês de agosto, a Companhia das Letras publica no Brasil o novo livro desta escritora nascida em 1975 em São Paulo. Andréa del Fuego esteve em Portugal a participar nas Correntes d'Escritas, em fevereiro último na Póvoa de Varzim. Esta é uma entrevista feita em condições excecionais. Francisco José (José em homenagem a Saramago, porque Andréa estava grávida quando recebeu o prémio) está ao colo da mãe, dorme, mama, chora, ri-se, foge a gatinhar, enfrenta degraus, depois aparece o pai André, tira fotografias, leva o filho a passear, coloca-lhe um gorro quentinho e manteiga de cacau no nariz. Em todas estas circunstâncias, Andréa consegue partilhar a atenção entre o filho e a entrevista, sem perder o fio à meada.



O livro que a lançou como escritora recebeu em 2011 o prêmio Literário José Saramago. O que representou para si este prêmio?

Os Malaquias não estava sequer publicado em Portugal e não consigo imaginar ele ser publicado sem que tivesse havido o prêmio. Continuo a ser desconhecida no Brasil, embora agora exista mais atenção. O próximo livro vai sair numa editora maior, a Companhia das Letras. Antes eu tinha publicado por editoras pequenas e não tinha espaço na crítica, não tinha leitores. Tinha feito um livro chamado *Nego tudo* que é uma edição confidencial: foram 107 exemplares, comprados por amigos e amigos de amigos, eu sei o endereço de cada um.

Sempre escrevi para a minha vila. Nunca tinha acontecido nada de extraordinário, nem espaço num grande jornal. Quando recebi o email da Guilhermina Gomes (do Círculo de Leitores) a anunciar-me o prêmio perguntei várias vezes se era mesmo verdade. Foi como se um raio tivesse caído na minha casa.

O que sabia então sobre Saramago? Tinha lido obras dele?

Sim, principalmente o «Evangelho segundo Jesus Cristo», que é uma coisa... No Brasil toda a gente leu o *Ensaio sobre a Cegueira*, bem antes do Nobel. Depois do Nobel Saramago virou uma espécie de Senhora de Fátima, um padroeiro.

No Memorial do Convento, a personagem Blimunda tem um lado mágico, poderes sobrenaturais, tal como acontece com personagens d' *Os Malaquias*.

É verdade, mas na hora da escrita não pensamos em personagens de outros. São impressões, a sua leitura é como se acabasse virando vida, uma experiên-

cia que se transforma em memória, com coisas da família.

Depois de ter publicado só para os amigos, agora os leitores passaram a ser desconhecidos, alguém que aparece ao seu lado e diz «gostei muito do seu livro». O que representa isso para si?

No caso de *Os Malaquias*, que trata da história da minha família, é como se o Nico vivesse ali naquele momento da leitura, como se aquelas figuras ressuscitassem. Porque eles foram morrendo no decorrer do livro. Cada vez que o livro é lido, se a pessoa imaginou o Nico, o António, a Maria, se visualizou aquele lugar, é como se vivificasse, em qualquer lugar do planeta onde esteja.

Quando li o livro, achei estranho que a Andrea fosse de uma cidade como São Paulo. Onde descobriu aquele universo rural?

Eu costumava ir de férias para esse lugar que é uma região muito pouco movimentada, vivem só lá as famílias, não dá passagem para lugar algum. É o lugar de algumas pessoas que moram lá. Ninguém passa. É a região onde nasceram os meus pais. Mantive os nomes originais. António é o nome do meu tio avô, Nico é o nome do meu avô, pai da minha mãe, e por aí fora.

A história da barragem, da hidroelétrica foi mesmo real?

Sim, é real, o que não é real é o barco.

O que é o barco? A estrada para São Paulo?

Pode ser, nunca pensei nisso. Mas na altura em que escrevi era o barco da morte, porque foi durante o luto da minha avó, que tinha acabado de falecer. Escrevi sofrendo a perda dela. Foi a primeira morte que aconteceu na minha vida. Dizem que a morte da avó ou do avô

«Depois do Nobel Saramago virou uma espécie de Senhora de Fátima, um padroeiro»

é uma morte iniciática, é a morte natural que primeiro aconteceria na tua vida. Ela não vivia comigo mas os momentos com ela eram de uma intensidade afetiva que nutria até ao próximo encontro. Ela era mãe de muitos filhos, avó de muitos netos, e todos têm a mesma sensação.

Caminhando com as minhas tias, andando ali pela região, fomos dar um lugar muito alto. Vi aquelas águas, a casinha lá de cima, e pensei: vou escrever Serra Morena. Serra Morena é o nome da região. Depois desisti, achei que era uma história interessante para ser contada quando eu tivesse 50, 60, 70 anos. Queria ter um distanciamento de anos e nem imaginei que pudesse ter filhos. Mas pensei, quem sabe talvez eu tenha filhos, ou um dia perco minha mãe e talvez isso me dê mais uma camada de experiência e de literatura...

Por que escreveu então?

Talvez para que minha mãe não morra.

Tinha a história para escrever mas precisava de uma técnica para contá-la?

Foi. Aprendi a escrever escrevendo «Os Malaquias».

É muito diferente do que escreveu até então?

Da água para o vinho. O livro exigia uma escrita e ensinou-me a escrever. Um livro começa a partir do momento em que se faz escolhas, ele vai impondo caminhos e foram esses caminhos que me ensinaram a escrever. Jogar muito texto fora, usar palavras que dessem tempo para que o leitor lesse, entregar paisagens bonitas

«Gosto de tentar convencer pela linguagem que um barco navega numa água salgada e que essa água salgada pode ser doce atravessando

para que pudesse contemplar. Tudo isso exige um tempo de escrita.

Num outro livro pode manter aquela escrita?

Não. O próximo livro, *As Miniaturas*, já é outra coisa. Passa-se num edifício no centro de São Paulo, embora esse edifício não exista. O que tem em comum com *Os Malaquias* e com os contos que escrevi antes é o elemento mágico.

Gosto de trabalhar com os elementos mágicos numa linguagem realista que pudesse dar materialidade a uma coisa que não pode existir. Gosto de tentar convencer pela linguagem que um barco navega numa água salgada e que essa água salgada pode ser doce atravessando um vale. Eu tinha uma

tendência para a prosa poética, super-rococó, e isso aliado ao realismo mágico tirava força ao realismo, ficava uma caricatura, como uma máscara de Carnaval. Deixando a linguagem mais concisa, com menos adjetivos, com muita ação, a ação explicando o próprio personagem, acho que esse realismo mágico ficou mais visível, a ponto de não confundir, de ficar de acordo com a história.

O próximo livro que vai publicar em agosto na Companhia das Letras como é?

O título provisório que lhe dei foi um guia de escrita – *Edifício Midouro Filho*, mas o título definitivo é *As Miniaturas*. Começou com um livro chamado «A Interpretação dos Sonhos» de Artemidoro de Daldis, um grego do século II que era um onirocrítico, interpretava sonhos. Escreveu esse livro para o filho, ensinando-lhe a

profissão. Pensei que isso podia acontecer num edifício no centro de São Paulo, e daí o Edifício Midouro Filho. Há um oneiro que trabalha nesse edifício...

...um?

Um oneiro, o que faz sonhar – não está no papel dele fazer o sonho, ele sugere. Não posso contar... O livro intercala o que faz os sonhos e os sonhantes, os que passam por lá. Há uma mãe e um filho. A gente percebe ali se há mesmo influência desse edifício na vida deles... é difícil explicar.

A escrita tem de ser adaptada ao ambiente que está a narrar, como lhe aconteceu no livro anterior?

Tem de ser. É um livro em primeira pessoa. Uma mulher que dirige um táxi, um homem que trabalha num posto de gasolina. Não é mais aquele homem do interior de Minas Gerais, aquele ambiente em que as coisas estão contidas, é outra coisa. E eu fico apreensiva por isso.

Apreensiva porquê?

Eu gostaria de escrever vários *Os Malaquias*, porque essa relação está muito justa, o livro precisa de uma linguagem e eu acertei essa linguagem porque ele exigia. O próximo não faço ideia.

Ainda não sabe o que vai escrever a seguir?

Comecei já uma estrutura. Sei exactamente como ele começa e como vai acabar, agora estou pesquisando.

Como aparecem as histórias? Os Malaquias eram uma espécie de imposição da sua vida. Mas como é que começa uma história?

Às vezes com uma fotografia e às vezes com o som de uma voz. Eu adoro a voz das pessoas. Tenho uma memória de voz, do que foi dito, do tom, gosto muito disso. Da folha branca vem-me um tom de voz... se vier um tom de voz, então, o jogo está ganho, porque esse é o tom do livro.

O que é que a Andréa estudou? Saiu de casa muito cedo, não foi?

Saí de casa aos 16 anos para viver com o André, o meu marido. Fiz um curso técnico de publicidade, os meus pais não planearam que eu chegasse até à universidade. A minha mãe estudou até à quinta série, o meu avô Nico morreu analfabeto. Isso é típico de muitas famílias brasileiras, não no meio em que circulo agora, porque é um meio de escritores, pensadores, intelectuais, poetas, e essa não é a realidade. E agora, depois de marmanja, fui para a universidade e estou fazendo filosofia. Acho que a faculdade de filosofia tem uma interferência enorme no próximo livro, já que foi no curso que conheci esse Artemidoro de Daldis e fiquei completamente apaixonada.

A maternidade mudou a sua relação com o mundo?

Mudou, e acho que tem ressonância com a morte. É o tipo de coisa muito forte que se sente, como senti enterrando a minha avó Maria. Ver o cadáver da minha avó foi uma coisa ao mesmo tempo terrível e com tanto entendimento. Porque aquilo é o corpo.

Quando se senta a escrever pode ser distraída pelo seu filho Francisco?

Impossível. Este último livro terminei-o numa padaria, nuns dias em que ele acordava às cinco da manhã e voltava a adormecer até às sete horas. Eu fugia,

**«Da folha
branca vem-
me um tom
de voz ...
então, o jogo
está ganho,
porque esse
é o tom do
livro»**

ia para a padaria com um caderninho durante essas duas horas, e foi assim que terminei o livro, fora de casa. Não tive outra opção. Em casa, se ele desse um pio – parece que temos fios ligados, acabou a concentração, acabaram as ideias boas, tudo.

Não tinha pensado ser escritora?

Nem sabia o que era um escritor, para mim livros eram uma coisa... nem tentava decorar o nome do autor que estava na capa. Era um livro, os livros são, lêem-se. Claro, sei bem de que escritores gostava muito.

De quem?

Machado de Assis, coisas iniciadas na escola, na minha casa não havia leitura. Depois tive uma fase Clarice Lispector, mas Machado de Assis foi quando tive uma professora muito generosa. Eu gostava muito de ler alto e ela pedia-me para fazer versões, perguntava se eu não queria escrever alguma coisinha. Ela percebeu que eu gostava e eu fiquei mais interessada em ler.

O que eu percebi então foi que uma pessoa escreve uma coisa que é mentira, os lugares, as pessoas, o que elas sentem, o que elas fazem, nada existiu e nada existirá. É um mundo paralelo, e percebi que qualquer pessoa podia fazer isso. Criar um mundo inteiro.

O universo de Os Malaquias já estava na sua escrita anterior?

Os sentimentos dos personagens, mesmo em mini-contos, eram sentimentos fortes não expressados, coisas muito contidas. Pensando no que podem ter em comum... têm coisas urbanas, misturadas com umbanda, com religião, um certo erotismo, principalmente os primeiros. Tenho um conto que se chama «Francisco não

«Não podia ser Andrea Fátima dos Santos, ninguém ia acreditar em textos eróticos com esse nome»

pode saber», que fala de um senhor de 60 anos que não consegue perceber metade do corpo, só conhece a outra metade. A princípio isso não tem nada a ver com *Os Malaquias*, mas na verdade tem.

Minas Gerais inspira muito isso, não sei se é a paisagem porque, como é um vale com serras em volta, dá a impressão de ser uma espécie de berço onde se pode iniciar algo ou um túmulo onde as coisas ficam represadas. Isso dá uma calmaria que é cheia de ansiedade, dois sentimentos que acabam indo para os personagens. Então o que me resta como escritora é encontrar técnica para fazer isso,

essa á a minha busca.

O seu nome real não é Andréa del Fuego.

Não, sou Andréa Fátima dos Santos. Com esse nome eu era para ser manicure, não era para ser escritora. Às vezes até podia ser mais vantajoso do que escritora...

Eu escrevia contos eróticos, cheios de fantasia. Por exemplo, uma mulher de 40 e poucos anos muito rica mora numa casa com jardim privado a que só ela tem acesso visual. Ela pede que o jardineiro corte os ciprestes em forma de pênis de várias larguras, de vários tamanhos, e gosta de ver aquilo, as árvores na sua potência vegetal na forma de uma potência masculina.

Um amigo meu trabalhava numa rádio de rock, que começou a publicar uma revista para ser distribuída pelos ouvintes. Eu sabia que ele queria textos, levei-lhe alguns e ele propôs que eu fingisse que era uma personagem e respondesse às dúvidas sexuais dos ouvintes na revista. Eu não sou sexóloga, não sou psicóloga, coisa

nenhuma, era uma brincadeira quase literária. Pode parecer uma bobagem mas foi muito importante pois foi a primeira vez que vi um texto meu publicado em papel. Fui a uma banca de jornal, comprei a revista, abri, estava lá o meu texto! Foi emocionante. Até aí não pensava sequer publicar os meus textos em livros. Trabalhava então em cinema publicitário, como assistente de produção.

Foi o seu primeiro trabalho?

O meu primeiro trabalho foi numa loja de sapatos, aos 13 anos. Ao fim de uma semana não vendi nada e fui despedida. Era no ABC paulista, um subúrbio onde Lula começou a carreira política, em São Bernardo. Os meus amigos eram filhos de operários de fábrica, embora o meu não fosse. O meu pai tinha uma pequena gráfica.

Onde foi então buscar o nome del Fuego?

O editor da tal revista disse que eu precisava de um nome, não podia ser Andréa Fátima dos Santos, ninguém ia acreditar em textos eróticos com esse nome. Comentei com a minha sogra, mãe do André, e ela falou-me de uma vedette chamada Luz del Fuego dos anos 50 que era uma precursora do naturalismo. Tinha uma ilha onde só podiam andar pessoas sem roupa, não comia carne, era uma figura super ecológica, vanguardista, e foi terrivelmente assassinada aos 50 anos por um pescador, depois de ela denunciar uma forma de pesca que era bárbara. Depois de a matarem, abriram o corpo, puseram pedras e deitaram no mar.

Fui ler uma biografia dela e fiquei muito tocada. Eu achava esse nome muito sonoro, andrea significa homem, o homem do fogo,

«Hoje vivo da escrita. Estou a viver um momento interessante, que não sei se se repete.»

uma figura mágica a sair das labaredas, a minha cabeça foi para um som, saiu do registo da *vedette*.

Esses primeiros textos publicados em revistas foram reunidos em livro?

O primeiro livrinho foi feito por uma editora generosa, uma pequena editora que hoje nem publica literatura, apenas textos para construção civil. É muito irregular, tem contos que são razoáveis, tem contos ruins. Dos doze contos eu publicaria três ou quatro e

mexeria muito nos outros.

Hoje é difícil encontrar esse primeiro livro?

Muito difícil, principalmente porque eu recolhi todos...

E não pensa publicá-los?

Claro que sim, fazendo uma selecção e trabalhando os textos. Mas publicar esse livro foi fundamental, não para a literatura porque é um livro completamente dispensável, mas para que eu firmasse um quotidiano de escrita. Quem escreve tem de achar um lugar de escrita na sua casa, um lugar na vida da escrita. Foi fundamental. Agora sou escritora, é como um cartão de identidade.

Tem outra actividade profissional?

Hoje vivo da escrita. Estou a viver um momento interessante, que não sei se se repete. *Os Malaquias* será lançado na Alemanha e na Itália em outubro e sairá na Argentina em 2012. Foi também vendido para Isarel e para Croácia. Tenho vivido de direitos autorais vendidos fora do Brasil. Faço trabalhos de oficina literária, participo em conferências que são pagas. ■

esssa

Saramaguiana

coisa

que

Somos

Laura Restrepo



*Laura Restrepo escreveu o texto **Essa coisa que somos: Do humano em Saramago** por ocasião da homenagem prestada a José Saramago em Santillana del Mar, Espanha, a 13 de junho de 2007. A escritora colombiana cedeu-o para a rubrica «Hoja de Ruta» da revista Carátula. A Blimunda publica este texto no mês em que decorre a Feira do Livro de Bogotá, que tem Portugal como país convidado.*

essa coisa que somos: do humano em Saramago

BARRANCABERMEJA é o nome de uma povoação petrolífera, na selva colombiana, castigada desde sempre pela guerra e pelo abandono. Quando precisei de informação sobre certos acontecimentos que ali haviam tido lugar, dirigi-me à sua biblioteca pública e procurei o bibliotecário, de quem me tinham dito tratar-se de um homem perspicaz, com vasto conhecimento da história da região. Estávamos a conversar quando entra um barulhento grupo de crianças, rapazes e raparigas entre os dez e os doze anos, que ali tinham ido, como eu, à procura do bibliotecário porque a eles lhes tinham dado, na escola, a tarefa de pesquisar mulheres célebres na vida colombiana. Algo parecido com o que o Senhor José, de *Todos os Nomes*, faz ao recolher em pacientes e intermináveis fichas informação sobre cem pessoas célebres; só que no caso destas crianças de Barranca a investigação limitava-se a mulheres. Começaram a fazer perguntas ao bibliotecário sobre as ministras do gabinete presidencial, as atrizes de cinema, as vedetas da televisão, ao que ele respondeu, fazendo-se ouvir sobre a algaraviada dos seus entrevistadores: «célebre não é a pessoa que faz discursos nem a que aparece nos jornais ou na televisão. Célebre é a pessoa que dá aos outros razões para celebrar. Por isso, esqueçam as ministras, as atrizes e as vedetas e corram aos vossos bairros e entrevistem as vossas professoras; as vossas mães; as vossas avós; a médica do posto de saúde; essa vossa irmã que estuda na universidade; essa outra vossa irmã que trabalha porque não pode estudar. Essas são as mulheres célebres deste país; as que dão motivos para celebrar».

Célebre é também o bibliotecário de Barranca, assassinado pouco depois a tiro pelos paramilitares, como aconteceu a tantos habitantes dessa povoação. Célebre, muito mais célebre do que os cem célebres, é essa mulher anónima que dá ao Senhor José, o escritor de *Todos os Nomes*, motivo não só para celebrar mas também para viver. E célebre é este outro José, José Saramago, o homem e o escritor, mas sendo uno, se tivermos em conta o paradoxo que certa vez o ouvi, ele próprio, expor e segundo o qual alguns dos melhores escritores foram péssimos como seres humanos. Com Saramago acontece que o homem nos dá tantos motivos para celebrar como a sua obra. Harmoniosa é a equação que se produz neste José que escreve como vive e vive como escreve, transformando a ética em estética e vice-versa, tão lúcido e íntegro nos seus livros como no seu dia a dia, de tal modo que ele mesmo, à semelhança das personagens dos seus romances, surge como um nítido vestígio de humanidade ante os olhos ávidos e perplexos dos séculos XX e XXI.

E talvez que o principal atributo do romance – do bom romance – radique nos indícios que dá e nas chaves que revela sobre quem nós somos, os seres humanos, que significado tem o que fazemos, com que objetivo viemos a este mundo. Não é fácil sabê-lo, e com frequência esquecemo-lo durante meses, oxalá que não durante toda a vida, ao distrairmo-nos com estranhas representações de nós próprios que de humanidade não têm mais que a aparência. Então, no meio deste desconcerto, pode cair-nos nas mãos um romance que nos volta a colocar na pista certa, como o perdigueiro a quem se dá a cheirar um objeto daquele de quem deve seguir o rasto. O ser humano tem este cheiro, indica-nos a escrita de Saramago,

essa coisa que somos: do humano em Saramago

por aqui anda, segue-o, este foi o atalho que tomou, este é o odor que exala, esta é a cor da sua aura, esta a ferocidade da sua luta e o tamanho da sua dor, não te percas no artifício de exibicionismos gratuitos, não vás atrás de impostores; neste personagem que aqui te dou está o ADN do humano, a sua impressão digital, o rasto do seu sangue, ou, como diz Ricardo Reis no ano da sua morte, estes são «os sinais da nossa humanidade». E acontece então que o reencontro, através da sua escrita, com esse homem ou essa mulher resgatados, ou seja, o facto de nos podermos reconhecer, a cada página, nesse que somos, nos causa uma perturbação profunda e surpreendente, nos coloca frente a frente com uma revelação que nos faz correr as lágrimas, e a verdade é que sempre que lia *O Evangelho segundo Jesus Cristo* chorava de verdade, ou talvez deva dizer como uma madalena, e o mesmo me aconteceu com o seu [O Ano da Morte de] *Ricardo Reis*, a sua *Caverna*, de tal modo que enquanto digo isto me pergunto por que razão os romances de Saramago chegam tão fundo e nos abalam tanto, de onde vem tanta intensidade, e a resposta a que chego é sempre a mesma: porque a verdade da sua prosa e a beleza da sua poesia propiciam o regresso a casa, à casa do homem, da mulher, a esse lugar onde por fim somos quem somos, onde somos capazes de nos aproximar uns dos outros e descobrimos o lugar que nos é devido na história coletiva, porque o regresso é também, como em *As Pequenas Memórias*, a esse «lar supremo, o mais íntimo e profundo, a pobríssima morada» dos avós maternos, ou como em [História do] *Cerco de Lisboa*, o regresso a essa casa da Rua do Milagre de Santo António, onde o amor se tornou possível e a cama nos espera com lençóis limpos, ou como o violoncelista de *As Intermitências da Morte* que

regressa de noite, cansado, a uma casa onde o espera o seu cão preto... Porque quão deliciosamente humano é Saramago quando fala dos cães, o cão Achado, o cão Constante, o cão solitário das Escadinhas de São Crispim, o lobo-d'alsácia que por pouco não mata Zezito de susto, os cães que em Cerbère ladram como loucos. E naturalmente esse outro, compassivo e companheiro, que tanto me fez chorar: o cão das lágrimas.



ERTA VEZ ouvi Saramago dizer, referindo-se a Ema Bovary, a D. Quixote e a Julian Sorel, que alguns personagens literários são mais humanos que muitas das pessoas que conhecemos. É seguramente o caso desse José de *O Evangelho [segundo Jesus Cristo]*, o carpinteiro dividido num fardo esmagador de sonhos e de culpas, e des-

se outro José, o Senhor José de *Todos os Nomes*, que encontra no amor o fio de Ariadne que irá libertá-lo do labirinto da burocracia e também das profundezas da saudade; é ainda o caso desse menino José que, em *As Pequenas Memórias*, se senta na beira do rio da sua aldeia pescando com pó-de-roseira as imagens, os sons, as lembranças, as sensações, os ecos que anos depois seriam a matéria-prima dos seus romances.

Nem sempre o romance nos conduz ao humano, e muito menos no vasto mercado de entretenimento que floresce nesta democracia light, cuja quinta-essência Saramago capta no seu *Ensaio sobre a Lucidez*. Tantas são as editoras e tantos os autores de best-sellers, ou pelo menos tantos aspirantes a isso, que deliberadamente



essa coisa que somos: do humano em Saramago

apostam em enriquecer através de personagens despidos de carga humana, livres de doenças e da morte e vacinados contra o fracasso, os chamados winners profissionais, paladinos do êxito individual, caçadores de fortuna, fama e prestígio, apóstolos de uma sociedade onde, de acordo com o seu credo, não são necessárias lutas nem ideologias porque já conseguimos tocar o céu com as mãos. Para não afugentar o dinheiro do grande público, esta pseudo-estética nascida da avidez pelas vendas atém-se saborosamente a uma espécie de manual de censura e de auto-censura que tem por norma o asséptico e por método o politicamente correto e que o agente e crítico literário Thomas Colchie denominou realismo capitalista. Desde o realismo socialista, afirma Colchie, que não existia um código propagandístico tão impositivo e devastador como este realismo capitalista que domina a literatura comercial de hoje, por razões distintas das do realismo socialista, se é que não chegam a ser as mesmas: este como propaganda estatal, o outro como propaganda comercial, um e outro a expensas do humano.

Nos antípodas desta parafernália de marketing, que reduz o ser humano a um boneco de peluche, está Saramago com a sua grande literatura, portentoso tributo a tudo quanto o homem tem de valioso e de correto. Nos seus romances não são o triunfo e o fracasso que importam, mas o resultado da firmeza e do trabalho do homem, seja ele oleiro, como Cipriano Algor, camponês, como os Mau-Tempo, inventor de uma máquina voadora cujo único combustível é a vontade humana, como o padre Bartolomeu, uma criada, como Lídia, ou a responsável pelos revisores de provas, como a doutora Maria Sara. À competência contrapõe Saramago

a solidariedade; ao egoísmo, o respeito por si mesmo e pelos seus semelhantes; ao prestígio contrapõe a elegância de uma humildade digna; ao luxo, o despojamento; à conquista, a rebeldia; à satisfação, a ansiedade e o desejo; ao domínio, a resistência; ao poder, a luta desigual; à fama, a sobriedade do anonimato; às estridências do triunfo, a discreta dignidade da derrota.

EIS-NOS chegados a uma palavra-chave na sua obra: dignidade. Se observarmos o conjunto das suas personagens como se fossem um clã, teríamos que dizer que, antes de mais, é um clã de gente digna. Os atos humanos, a começar pelos primários — copular, urinar, comer, trabalhar, descansar —, adquirem dignidade e grandeza porque recuperam sentido, e é precisamente esta recuperação o que permite a Saramago juntar as peças do quebra-cabeças disperso. Contra a visão fragmentária impõe-se nele, como nos clássicos, uma clara vocação de totalidade, como se escrevesse com a convicção de que, ainda que os nomes mudem, a história de cada um dos homens é a história de todos os homens, a de cada mulher é a história de todas as mulheres: «Mogueime pergunta [...] Como te chamas, quantas vezes teremos perguntado uns aos outros desde o princípio do mundo, Como te chamas, algumas vezes acrescentando logo o nosso próprio nome [...]» ([*História do*] *Cerco de Lisboa*, 7.^a ed., p. 327). De acordo com o modelo clássico da sua obra, os atos dos humanos repetem-se vezes sem conta desde a noite dos tempos, um homem e uma mulher que caminham debaixo de chuva, com os

essa coisa que somos: do humano em Saramago

seus pertences às costas, até encontrarem abrigo onde a vida seja possível com os seus rituais de amor e de morte: o sapateiro Domingos e sua mulher sob a chuva do Alentejo, o carpinteiro José e sua mulher sob a chuva da Galileia.

CADA CASAL é sinónimo de todos os casais, cada uma das histórias de amor é sinónimo do Amor. À semelhança de Abelardo e Eloísa, Romeu e Julieta, guardamos na memória Blimunda e Sete Sóis, Raimundo Silva e Maria Sara, a viúva Isaura e Cipriano Algor. Como esse músico que «continua tranquilamente a viver no seu modesto domicílio de artista, com aquele seu cão preto [...], o piano e o violoncelo, as suas sedes noturnas e o seu pijama às riscas» (*As Intermittências da Morte*, 1.^a ed., p. 165), o homem que é subitamente salvo pelo amor continua um solitário, bem mais melancólico, absorto no seu trabalho e amarrado à sua rotina de modo um pouco hipnótico, enquanto a mulher que irrompe na sua vida é um sopro de energia; essa mulher fantástica que tanto pode ser a mulher do médico como Maria Madalena ou Joana Carda, mas que tem sempre o dom de arrumar a realidade com a mesma naturalidade com que arruma o quarto todas as manhãs; essa mulher que ressuscita nas outras, «as honradas ressuscitam nas putas, as putas ressuscitam nas honradas, disse a rapariga dos óculos escuros. Depois disto houve um grande silêncio, para as mulheres ficara tudo dito, os homens teriam de procurar as palavras, e de antemão sabiam que não seriam capazes de encontrá-las» ([*En-*

saio sobre a] *Cegueira*, 1.^a ed., p. 199). Essa mulher que Saramago descreveu como «mais sábia, mais generosa, mais aberta, mais real», e que ele não precisa de procurar quando escreve porque ela, por ela própria, se encarrega de lhe aparecer: «quando começo um romance não digo a mim mesmo agora tenho que pôr aqui uma mulher extraordinária, ela é que vai nascendo das situações criadas que se vão narrando. E quando a vejo esboçar-se pouco a pouco, digo-me aí estás novamente, já voltaste a aparecer, malvada...». E basta que ela faça a sua aparição para que esse prodigioso contador de histórias de amor que é Saramago trate de propiciar o encontro e produzir a alquimia do reconhecimento, como neste diálogo entre Jesus e a prostituta: «Não tens nenhuma ferida, Encontrá-la-ás, se a procurares, Que ferida é, Essa porta aberta por onde entravam outros e o meu amado não» (*O Evangelho [segundo Jesus Cristo]*, 25.^a ed., p. 284). Ou naquela passagem em que Cipriano Algor, o velho oleiro, regressa a casa depois de vários dias de ausência e percebe que quem lhe abre a porta é precisamente a mulher que ama em silêncio faz tempo e como ela, envergonhada, lhe peça desculpa por ter dormido na sua cama enquanto esteve fora, ele «sem saber bem como», descobre «no meio da sua confusão as palavras exatas [...], Nunca mais dormirás noutra.» (*A Caverna*, 1.^a ed., p. 342.) Nunca, sempre, sim, não, amo, desejo, confio: palavras rotundas com que a caneta de Saramago, que na hora do amor não treme nem duvida, sabe selar o pacto entre um homem e uma mulher, convertendo-o em pedra angular, cumplicidade básica, ato fundacional.

Mas de todas as personagens femininas Maria é aquela que elegi, a mãe, a que deve aprender a conter e a calar o amor e a dor



essa coisa que somos: do humano em Saramago

avassaladores que sente por seu filho, a menina que amadurece na dureza do inevitável, a da despedida sem sorrisos nem promessas de reencontro: «Nunca mais deste notícia de ti, disse Maria enfim, e neste momento soltaram-se-lhe as fontes dos olhos, era o seu primogénito que ali estava, tão alto, a cara já de homem, com uns começos de barba, e a pele escura de quem leva a vida debaixo do sol, de frente para o vento e a poeira do deserto» ([O] *Evangelho [segundo Jesus Cristo]*, 25.^a ed., p. 252).

E a razão por que é Maria a que mais profundamente me toca talvez resida no facto de esse filho que vai para a morte e essa mãe que o não poderá impedir estarem já muito distanciados da imagem da mãe com o seu menino vivo nos braços, a Madona, porque a vida os converteu na Pietà, a mulher que sustenta nos braços o seu filho morto; talvez eu seja tão sensível a esta questão por ser esse o destino do meu país, do meu continente, deste imenso e dolorido terceiro mundo ao qual pertença, desde essa terra de impune derramamento de sangue que é a minha Colômbia natal passando por Chiapas, Oaxaca, a África inteira, até ao Iraque, Líbano, Palestina: mães que dão vida aos filhos para os entregarem à morte, mães que têm de enterrar os seus filhos em vez de acontecer o inverso, conforme dita a lei natural; a morte violenta como forma habitual da morte. Morrer de velho, numa cama, apenas vaga lembrança de um tempo que nunca existiu ou sonho de um futuro que por ora o não será. Três quartas partes do planeta que não têm como símbolo a *Madona*, mas sim a *Pietà*.



ERÁ ASSIM que Saramago nos devolve um cristianismo que tem vida e significado, não o da igreja nem tão-pouco aquele que tem a ver com Deus, mas o do homem que por predeterminação enfadonha e arbitraria morre na cruz: «Jesus morre, morre, e já o vai deixando a vida, quando de súbito o céu por cima da sua cabeça se abre de par em par e Deus aparece [...] sua voz ressoa por toda a terra, dizendo, Tu és o meu Filho muito amado, em ti pus toda a minha complacência. Então Jesus compreendeu que viera trazido ao engano como se leva o cordeiro ao sacrifício, que a sua vida fora traçada para morrer assim desde o princípio dos princípios, e, subindo-lhe à lembrança o rio de sangue e de sofrimento que do seu lado irá nascer e alagar toda a terra, clamou para o céu aberto onde Deus sorria, Homens, perdoai-lhe, porque ele não sabe o que fez.» ([O] *Evangelho [segundo Jesus Cristo]*, 25.^a ed., p. 444.)

É curioso, inclusivamente paradoxal, que em *O Evangelho segundo Jesus Cristo*, um dos seus romances mais poderosos e irritantemente contemporâneos, Saramago tenha recorrido justamente a Jesus, o grande mito medieval, para desenhar sobre os seus traços a figura do homem clássico, no sentido em que também o é *Adriano* de Yourcenar, ou o jovem José de *José e Seus Irmãos* de Thomas Mann, ou seja, aquele que se serve da perturbação e confusão dos deuses para impor a contundência de um destino humano. «Há outros mundos, mas estão neste», diz Éluard; «no céu tudo era falso», diz Pessoa, e Saramago, no seu [*Memorial do*] *Convento*: «o céu é o resplendor que há dentro da cabeça dos homens, se não é a

essa coisa que somos: do humano em Saramago

cabeça dos homens o próprio e único céu» ([*Memorial do*] *Convento*, 41.^a ed., p. 121). Se os deuses existem, estão contidos no homem: nesses terminais de ressonâncias renascentistas parece entender Saramago a encarnação. «Deus, que está em toda a parte, [...] provavelmente, já nem lá se encontraria quando a semente sagrada de José se derramou no sagrado interior de Maria, sagrados ambos por serem a fonte e a taça da vida, em verdade há coisas que o próprio Deus não entende, embora as tivesse criado» ([*O Evangelho [segundo Jesus Cristo]*], 25.^a ed., p. 27).

Saramago recupera essa palavra, sagrado, ao baixá-la dos altares e colocá-la entre os homens. Li numa entrevista que admite tratar-se de uma palavra estranha, extemporânea, mas da qual não podemos prescindir por não termos encontrado ainda equivalente no jargão terreal. Como procura explicar a rapariga dos óculos escuros em [*Ensaio sobre a*] *Cegueira*, «Dentro de nós há uma coisa que não tem nome, essa coisa é o que somos» (*Ensaio sobre a Cegueira*, 1.^a ed., p. 262). E essa coisa inefável que somos é o sagrado, num sentido mais profundo do que aquele que Deus é capaz de conseguir.



ARAMAGO vislumbra a marca humana até nos mínimos gestos quotidianos e em objetos tão insignificantes como um saco de batatas que nos recorda fomes antigas e que sem qualquer dúvida o não são, porque basta que façam parte da vida do homem para que adquiram significado: a cama em que amámos um dia; esta mesa

em que comemos; os retratos de família; o relance de luz, que faz com que as mulheres nuas cubram os seios ([*Ensaio sobre a*] *Cegueira*, 1.^a ed., p. 261); a candeia por fim útil desde que foi fabricada; o corpo, que é afinal de contas o mesmo que a alma: «buscava na cozinha os sabões [...] para limpar um pouco, ao menos um pouco, esta sujidade insuportável da alma. Do corpo, disse, como para corrigir o metafísico pensamento, depois acrescentou, É o mesmo.» ([*Ensaio sobre a*] *Cegueira*, 1.^a ed., p. 265.); o rio Tejo da infância a que o autor prefere referir-se, em vez de com um «ao qual», com um «a quem», se para isso licença lhe for permitida. E também a cozinha, que «era o mundo» ([*As Pequenas*] *Memórias*, 1.^a ed., p. 92); e a casa, uma casa imensa como o universo, um universo pequeno como uma casa, tanto que basta subir a uma montanha ou assomar a uma janela para que seja possível abarcá-lo inteiro, «São formosas estas noites de junho. Se lua têm, deste alto de Monte Lavre vê-se o mundo todo» (*Levantado do Chão*, 16.^a ed., p. 309); e por isso, quando José de Galileia, maravilhado pelo esplêndido amanhecer que lhe é dado presenciar, abre a boca para pronunciar uma oração de graças, nesse preciso momento «o rumor da vida, como se o tivesse convocado a sua voz, [...] ocupou o espaço que antes pertencera ao silêncio» ([*O Evangelho [segundo Jesus Cristo]*], 25.^a ed., p. 26). Também é humano o tempo, que vai deixando marcas nos personagens por entre os dias que um a um são a vida; e talvez que em nenhum dos seus romances o tempo deixe marcas tão fortes como no último, essas *Pequenas Memórias*, belíssima tentativa de o fazer voltar atrás, agarrando a substância etérea de que é feito, pedacinhos de erva, vozes perdidas, vestígios na memória, segredos de um caçador de sapos, feridas invisíveis



77

PEQUENA HISTÓRIA DO JAPÃO

78

PEQUENA HISTÓRIA DO JAPÃO

79

PEQUENA HISTÓRIA DO JAPÃO

80

PEQUENA HISTÓRIA DO JAPÃO

81

PEQUENA HISTÓRIA DO JAPÃO

82

PEQUENA HISTÓRIA DO JAPÃO

83

PEQUENA HISTÓRIA DO JAPÃO

84

PEQUENA HISTÓRIA DO JAPÃO

85

PEQUENA HISTÓRIA DO JAPÃO

86

PEQUENA HISTÓRIA DO JAPÃO

87

PEQUENA HISTÓRIA DO JAPÃO

88

PEQUENA HISTÓRIA DO JAPÃO

89

PEQUENA HISTÓRIA DO JAPÃO

90

PEQUENA HISTÓRIA DO JAPÃO

91

PEQUENA HISTÓRIA DO JAPÃO

92

PEQUENA HISTÓRIA DO JAPÃO

93

PEQUENA HISTÓRIA DO JAPÃO

94

PEQUENA HISTÓRIA DO JAPÃO

95

PEQUENA HISTÓRIA DO JAPÃO

96

PEQUENA HISTÓRIA DO JAPÃO

97

PEQUENA HISTÓRIA DO JAPÃO

98

PEQUENA HISTÓRIA DO JAPÃO

99

PEQUENA HISTÓRIA DO JAPÃO

100

PEQUENA HISTÓRIA DO JAPÃO

101

PEQUENA HISTÓRIA DO JAPÃO

102

PEQUENA HISTÓRIA DO JAPÃO

103

PEQUENA HISTÓRIA DO JAPÃO

104

PEQUENA HISTÓRIA DO JAPÃO

105

PEQUENA HISTÓRIA DO JAPÃO

106

PEQUENA HISTÓRIA DO JAPÃO

107

PEQUENA HISTÓRIA DO JAPÃO

108

PEQUENA HISTÓRIA DO JAPÃO

109

PEQUENA HISTÓRIA DO JAPÃO

110

PEQUENA HISTÓRIA DO JAPÃO

111

PEQUENA HISTÓRIA DO JAPÃO

112

PEQUENA HISTÓRIA DO JAPÃO

113

PEQUENA HISTÓRIA DO JAPÃO

114

PEQUENA HISTÓRIA DO JAPÃO

115

PEQUENA HISTÓRIA DO JAPÃO

116

PEQUENA HISTÓRIA DO JAPÃO

117

PEQUENA HISTÓRIA DO JAPÃO

essa coisa que somos: do humano em Saramago

que maldades alheias nos fizeram, recordações de peixes que não se pescaram, pequenos mas enormes acontecimentos, saudades de outros mundos de que se têm ecos mas nenhuma prova, tudo isso para recuperar essa origem de todos os destinos que é a infância. «Olho de cima da ribanceira a corrente que mal se move, a água quase estagnada, e absurdamente imagino que tudo voltaria a ser o que foi se nela pudesse voltar a mergulhar a minha nudez da infância, se pudesse retomar nas mãos que tenho hoje a longa e húmida vara ou os sonoros remos de antanho, e impelir, sobre a lisa pele da água, o barco rústico que conduziu até às fronteiras do sonho um certo ser que fui e que deixei encalhado algures no tempo.» ([*As Pequenas Memórias*, 1.^a ed., pp. 17-18.) A poesia de Saramago tudo humaniza, até a mesma morte que, à semelhança do soneto de Quevedo, nas *Intermitências* é morte enamorada, que se compadece, se ajoelha e chora, que se emociona tanto com uma suíte de Bach que se esquece de matar.

SARAMAGO é um escritor clássico também na medida em que concebe um homem que controla a sua liberdade de decisão e a sua consciência e tem nas mãos as rédeas do seu acontecer; palpita nele o impulso de se opor à injustiça e à hecatombe e move-o a vontade de resistir e de transformar. Ainda que nem sempre o consiga; o ser humano vê-se permanentemente ameaçado na sua integridade, e ao dar a cara por ele Saramago ataca ferozmente todo aquele que o anula, o degrada ou escraviza, e por isto é um escritor consequen-

te e desassombrado, tanto na vida como na obra, que nos obriga a manter os olhos abertos perante as aberrações do poder, acerca do qual disse que «já sabemos que corrompe, e que o poder absoluto corrompe absolutamente, mas eu acrescentaria que o poder não necessita de ser absoluto para corromper absolutamente». O poder e qualquer das máscaras por trás das quais se oculta, seja a casta de burocratas que pulula em romances como *Em Todos os Nomes* e *As Intermitências da Morte* seja a mais engenhosa e ardisosa das suas camuflagens, essa suposta democracia em nome da qual tantos crimes se cometem contra a tentativa de construir uma democracia verdadeira. Não é por acaso que é recorrente na sua literatura a figura desse cerco que isola e asfixia: em [*Ensaio sobre a*] *Cegueira* os cegos estão cercados como se sofressem de uma doença contagiosa; em [*História do*] *Cerco de Lisboa*, os mouros morrem cercados e em *Ensaio sobre a Lucidez* os que se atrevem a votar em branco, assim como os camponeses que lutam pela sobrevivência no meio das inclemências feudais em *Levantado do Chão* e n' *A Caverna* os artesãos perante o peso esmagador do centro comercial.

Os que montam o cerco e o vão apertando constituem um universo de seres grotescos, inumanos, que vão tecendo o pesadelo e enredando o labirinto, presidentes das mesas de voto (*Ensaio sobre a Lucidez*), funcionários da repartição de requerimentos especiais (*Objeto Quase*), chefes da Conservatória Geral (*Todos os Nomes*), que aproximam Saramago de Kafka, e que são, quem sabe, os responsáveis pela opinião sobre Saramago de ele ser um pessimista convicto, o que o próprio corrobora, ou diretamente ou pela boca dos seus personagens. Quando perguntam a Raimundo Silva se ele é pessimista, responde com ambiguidade: «Não chego a tanto,

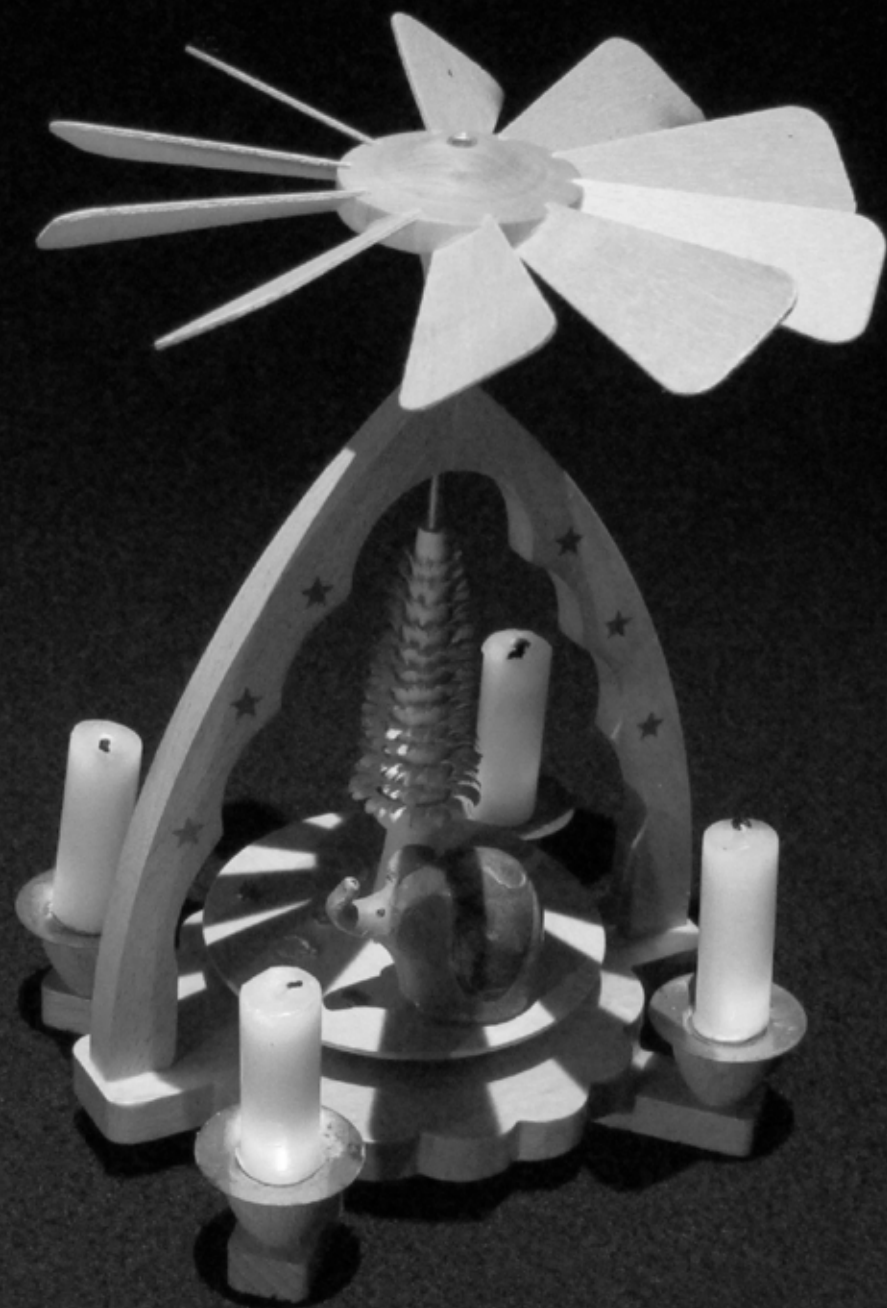
essa coisa que somos: do humano em Saramago

limito-me a ser cético da espécie radical» ([*História do*] *Cerco de Lisboa*, 7.^a ed., p. 300), tendo dito anteriormente, «creio perceber nas suas palavras uma certa amargura cética, Vejo-a mais como um ceticismo amargo, Quem diz uma coisa, diz outra, Mas não dirá o mesmo» [7.^a ed., p. 13]. Parafraseando Sciacca, o grande siciliano, eu diria antes que não é que Saramago seja pessimista, o que acontece é que a realidade é péssima. E é essa realidade péssima a que invade as mais kafkianas das suas páginas; e no entanto há uma clara diferença que leva os dois autores a construírem universos literários de textura distinta: enquanto os personagens de Kafka estão irremediavelmente sós e indefesos na luta contra aquilo que os sufoca, os de Saramago socorrem-se da solidariedade e da dignidade para oferecerem resistência. Influências das suas convicções políticas? Seguramente. Saramago é um homem de convicções, é rotunda e orgulhosamente um homem de convicções num mundo onde esta palavra soa ainda mais estranha e fora de moda do que a palavra sagrado, e seria contra todas as evidências negar que a prática e a teoria marxistas não influenciaram a visão peculiar do mundo e da história que os seus livros encerram. Mas acima de qualquer ideologia há uma lógica intrínseca que torna coesa a sua obra e que lhe permitiu construir uma ética própria e inédita, que ao fugir a cânones de outra natureza e ao respeitar, em troca, o ritmo secreto de exigências poéticas íntimas se converte também numa estética magnífica, de tal modo que, como em *O Conto da Ilha Desconhecida*, a sua obra sulca o mar em busca de si mesma.



O FAZER com que os seus personagens se esforcem por manter-se fiéis a si próprios enquanto se movem e lutam por entre mundos de pesadelo, os romances de Saramago adquirem o sabor da aventura, da gesta onde o desígnio humano se pode ganhar ou perder. Esta inclinação para o épico distancia-o de Kafka e diferencia-o do grosso do romance que se intitula a si mesmo pós-moderno e que se inspira em Kafka, e cuja interpretação do mundo contemporâneo parte da premissa de que o que passou, passou; há muito que se perdeu a partida, ao tempo nada mais resta do que chorar sobre o leite derramado; a vida dissolve-se na causticidade do cinismo. Ao contrário, para esses obstinados guerreiros que são os personagens de Saramago a história, ainda que diabolicamente arrevesada e geralmente adversa, está apesar de tudo viva e por isso aberta à possibilidade de que um golpe de sorte consiga anular ou alterar o destino.

Certamente que, para me contradizer e deitar por terra de um só golpe esta interpretação que acabo de arriscar, aí está, nem mais menos, do que a presença imponente de Ricardo Reis, esse filho de Pessoa que, décadas depois, se transforma numa das mais sedutoras personagens de Saramago, talvez a única de entre elas que mais do que para o clássico se inclina para o pós-moderno, e para quem é claríssimo que «sábio é o que se contenta com o espetáculo do mundo, hei de dizê-lo mil vezes, que importa àquele a quem já nada importa que um perca e outro vença» (*O Ano da Morte de*



essa coisa que somos: do humano em Saramago

Ricardo Reis, 17.^a ed., p. 403). Mas nem mesmo o imobilismo radical de Ricardo Reis consegue prejudicar a paixão de Saramago pela história, o qual escreve um livro inteiro para contar ao seu personagem a catadupa de acontecimentos que se sucedem por esse mundo fora enquanto Reis, bem mais indiferente, se limita a contemplá-los da sua janela.

EMBORA marcado pela tragédia e pela morte, em Saramago o homem continua a ser o centro de gravidade de tudo quanto existe, como o carpinteiro rebelde de *O Evangelho [segundo Jesus Cristo]*, ainda que acabe os seus dias pregado numa cruz, com os joelhos quebrados, na beira de um caminho chuvoso por onde sairá correndo, para o ir buscar, o seu filho e que apenas encontrará as suas sandálias. O autor, cuja dupla visão lhe permite mirar de soslaio a morte enquanto olha a vida de frente, adverte continuamente nas entrelinhas de que qualquer desenlace gratificante é momentâneo, que os ganhos pessoais são ínfimos, porque ao virar da esquina nos espera o nada, inevitável, com o seu rasto de desintegração e de perda de tudo quanto amamos.

Ninguém compreende isto melhor do que Ricardo Reis, esse autêntico ser para a morte, que enquanto aguarda a hora fugidia se contenta com um mero estar no tempo, uma suave forma de habitar as próprias recordações, de caminhar sem objetivo por uma cidade que é ele mesma uma recordação, «não tenho trabalho nem me apetece procurá-lo, a minha vida passa-se entre a casa, o res-

taurante e um banco de jardim, é como se não tivesse mais nada que fazer que esperar a morte» (*O Ano da Morte de Ricardo Reis*, 17.^a ed., pp. 353-354).

«O mundo é tão bonito e eu tenho tanta pena de morrer, diz a avó em *Memórias (As Pequenas Memórias)*, 1.^a ed., p. 131), e esta sua ansiedade que o neto herda e que converte em livros, faz com que estes sejam tristes, sim, mas «meu Deus, que doce e suave tristeza, e que não nos falte nunca, nem mesmo nas horas de alegria» ([História do] Cerco de Lisboa, 7.^a ed., p. 117). Se nas suas páginas não encontramos a felicidade, essa palavra torpe porque propagandística e enfática, ele está, em compensação, impregnado do desejo, íntimo e real, de sentir de vez em quando, em algum iluminado momento, «o afago da felicidade» (*Levantado do Chão*, 16.^a ed., p. 193).

Falámos aqui de amor e de morte, de história e de destino, de cercos e de resistências, mas a pura verdade é que não falámos senão de palavras, porque de palavras são feitos todos os livros e também os de José Saramago, pois, ainda que o não pareça, barro existe porque existe a palavra barro, porta existe porque existe a palavra porta, saudade ou esperança existem porque existem as palavras que as representam. Quando Saramago, num dos seus livros, nos mostra o mundo como «uma visão de uma beleza quase insuportável», por detrás desta ilusão de ótica a única certeza é a sua própria linguagem, essa sim, sem dúvida alguma, de uma beleza quase insuportável. Como Cipriano Algor, Saramago vai murmurando os nomes dos seres que ama, dos objetos da sua vida, o seu próprio nome, «Cipriano, Cipriano, Cipriano, repetiu-o até perder a conta das vezes, até sentir que uma vertigem o lançava

essa coisa que somos: do humano em Saramago

para fora de si mesmo, até deixar de compreender o sentido do que estava a dizer, então pronunciou a palavra forno, [...] a palavra água, [...] a palavra cão, a palavra mulher, a palavra homem, a palavra, a palavra, e todas as coisas deste mundo, as nomeadas e as não nomeadas, as conhecidas e as secretas, as visíveis e as invisíveis, como um bando de aves que se cansasse de voar e descesse das nuvens, foram pousando pouco a pouco nos seus lugares, preenchendo as ausências e reordenando os sentidos» (*A Caverna*, 1.^a ed., p. 127). Preenchendo ausências e reordenando os sentidos, é assim que Saramago tem colocado nos seus livros todas aquelas palavras que fizeram dele um escritor, ainda que quando as ouviu pela primeira vez não as soubesse escrever por ser, como sua mãe, analfabeto, «eu que o continuaria a ser por algum tempo ainda, ela por toda a vida» (*As Pequenas Memórias*, 1.^a ed., p. 95).

DO QUE aqui temos falado, ainda que o não tenhamos mencionado, é do prodígio dos seus diálogos, que se vão entrelaçando com tão assombrosa naturalidade, engenho e encanto. E do suave vaivém do seu humor, umas vezes doce e redentor, outras vezes implacável, que de frase em frase nos provoca um sorriso; idas e vindas que fazem companhia à nossa limitada capacidade de conhecimento, aproximando-nos do âmago das questões através de um método de comprovação e erro, digo e desdigo, enfatizo e em seguida duvido, escrevo com a mão e apago com o cotovelo, para ir penetrando centímetro a centímetro na matéria peculiar de que é

feita a natureza humana, indo do transcendental ao quotidiano e vice-versa, modelando essa tônica que é a sua a meio caminho entre o melancólico e o cómico, entre o cómico e o atroz, permitindo-lhe abordar a tragédia sem cair na grandiloquência ou no melodrama. E falámos aqui da sua poesia, da forma deliciosa como coloca uma palavra após a outra, o que é desde logo indispensável em qualquer poema mas sobretudo na prosa, porque desde Homero, e Shakespeare, e Cervantes, sabemos que só um grande poeta tem o fôlego necessário para narrar a aventura humana nas suas inextricáveis dimensões; só um grande poeta, como o é Saramago, consegue que o romance penetre nas profundezas, nesse mistério ainda mais insondável do que a escuridão do universo que é a nossa própria escuridão interior, a noite do nosso corpo, as ténues linhas da nossa identidade. E temos estado a falar também de uma certa forma de narrar que tem como marca de fabrico a cumplicidade de um autor que se afasta da regra e está atento sempre que a sua ficção corre o risco de exagerar, de perder verosimilhança, de se tornar literária em excesso; um autor que conduz o leitor pela mão, o orienta, lhe pisca o olho, isto é entre tu e eu, sussurra-lhe ao ouvido; eles, os meus personagens, são apenas isso, personagens, e têm alma, mas é de papel. Por esse motivo esta história que te conto trata de ti e de mim, que somos os únicos de carne e osso; trata-se da tua vida e da minha, que de verdade acontecem e importam; trata-se no fundo apenas de ti, que isto lês, e de mim, que isto escrevo.

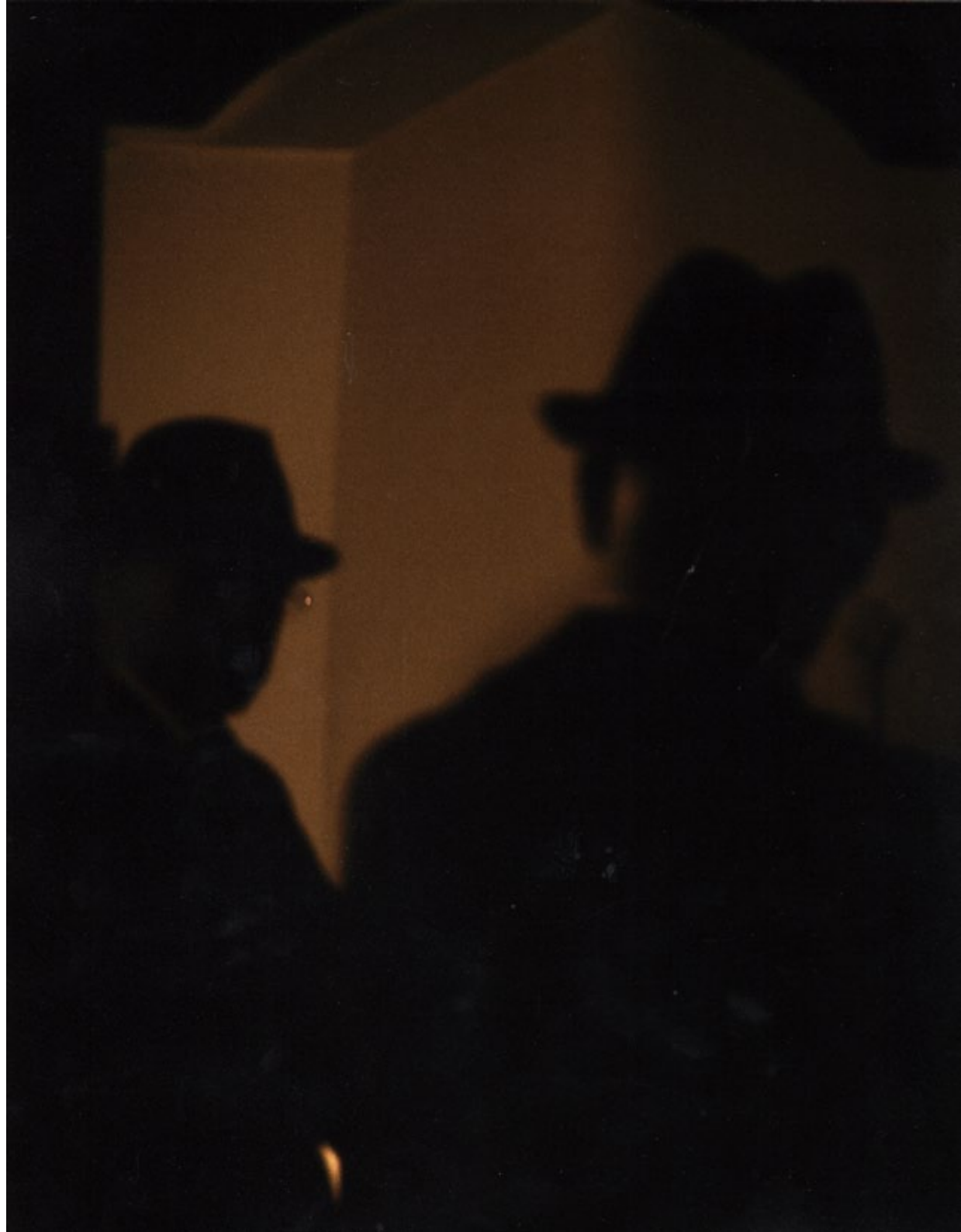
O resto são palavras: a dádiva das palavras de José Saramago, um dos caminhos mais consistentes e belos com que contamos neste planeta para irmos percorrendo territórios do humano até chegarmos ao coração. ■

Pelo segundo ano, a Fundação José Saramago organizou o Prémio de Fotografia «Retratar um Livro», convidando fotógrafos amadores e profissionais a lerem e fotografarem um livro. Por estarmos a comemorar os 90 Anos de José Saramago, a escolha recaiu na obra *O Ano da Morte de Ricardo Reis*. Na sua edição de abril, a *Blimunda* publica os trabalhos premiados, acompanhados pelos excertos de texto que estiveram na origem de cada uma das fotografias.



«Fernando Pessoa levantou-se do sofá, passeou um pouco pela saleta, no quarto parou diante do espelho, depois voltou, É uma impressão estranha, esta de me olhar num espelho e não me ver nele, Não se vê, Não, não me vejo, sei que estou a olhar-me, mas não me vejo, No entanto, tem sombra, É só o que tenho.»

1.º PRÉMIO
MARIA DE LURDES POÇAS
JURISTA, VISEU
«IMPRESSÃO ESTRANHA»



A citação de «O Ano da Morte de Ricardo Reis» escolhida pelo autor é: «...então Ricardo Reis diz, Vou beijá-la, ela não respondeu, num gesto lento segurou o cotovelo esquerdo com a mão direita, que significado poderá ter o movimento, um protesto, um pedido de trégua, uma rendição, o braço assim cruzado por diante do corpo é uma barreira, talvez, uma recusa, Ricardo Reis avançou um passo, ela não se mexeu, outro passo, quase lhe toca, então Marcenda solta o cotovelo, deixa cair a mão direita, sente-a morta como a outra está, a vida que há em si divide-se entre o coração violento e os joelhos trémulos».

2.º PRÉMIO

PEDRO TEIXEIRA NEVES
JORNALISTA - ALTO DE ALGÉS
«A VIDA QUE HÁ EM SI»

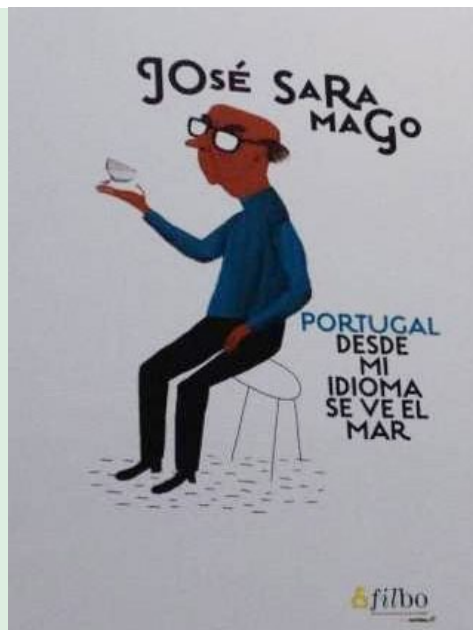


*«...por baixo da porta
apareceu um papel dobrado,
branco, avançava muito
devagar, depois com um
movimento brusco foi
projectado para diante.»*

3.º LUGAR
FÁBIO ROQUE
FOTÓGRAFO FREELANCER
SÃO JOÃO DAS LAMPAS, SINTRA
«MENSAGEM»



agenda



18 ABR A 1 MAI Feria Internacional del Libro de Bogotá

Uma das maiores feiras do livro do mundo, este ano com Portugal como país convidado. Em Corferias, Bogotá.
<http://www.feriadellibro.com/>



25 ABR Nove Tentativas de Amor Eterno

Espectáculo musical de Ricardo Castro celebrando o centenário de Vinicius de Moraes. Casa de Tereza (Rio Vermelho), Salvador da Bahia.
<http://casadetereza.com.br/estrutura.php>

até 12 MAI MIFVF

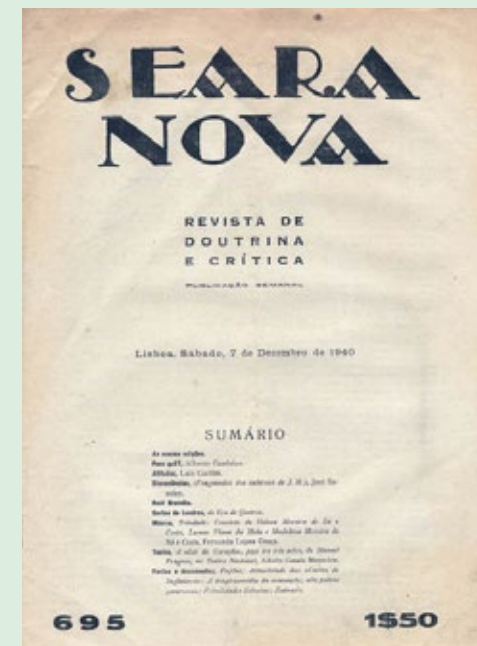
Festival Internacional de Cinema e Vídeo de Macau. No Centro Cultural de Macau, em Macau.

<http://www.ccm.gov.mo/programme/prog13/MIFVF2013/index.htm>



10 A 19 MAI FestiPoa

Sexta edição da Festa Literária de Porto Alegre, este ano com o escritor Cristovão Tezza como convidado de honra. Vários locais, Porto Alegre.
<http://festipoaliteraria.blogspot.pt/>



até 2 JUL Das revistas Políticas e Literárias do Estado Novo

Ciclo de conferências sobre a relação de várias revistas com o regime do Estado Novo. Na Biblioteca-Museu República e Resistência, Lisboa, quinzenalmente.
<http://republicaresistencia.cm-lisboa.pt/>

agenda

1 AFTER
2 AFTER
3 AFTER THE FACT &
BEFORE THE DELUGE

1 & 2 & 3
& BEFORE
THE
FUTURE

até 24 JUN Escrit en el Vent

Exposição retrospectiva dos desenhos do novaiorquino Lawrence Weiner sobre papel. Museu de Arte Contemporânea, Barcelona.

até 16 JUN Fotolivros Latino- -Americanos

Exposição que reúne os melhores 'fotolivros' da América Latina, desde os anos 1920 até a actualidade, numa escolha de Horacio Fernández. No Instituto Moreira Salles, Rio de Janeiro.

<http://ims.uol.com.br/>



até 28 ABR Gil Vicente na Horta

Encenação de João Mota a partir de textos de Gil Vicente. Teatro Nacional de São João, Porto.

<http://www.tnsj.pt/home/>



até 12 MAI Paisajes de la Memoria

Exposição de Norberto Puzzolo que coloca em diálogo obras do fim da década de sessenta e obras mais recentes do fotógrafo. Parque de la Memoria, Buenos Aires.

<http://www.parquedelamemoria.org.ar/>



até 2 SET Dalí

Primeira exposição retrospectiva de Salvador Dalí em mais de trinta anos. No Museu Reina Sofia, Madrid.

<http://www.museoreinasofia.es/>

Diretor Sérgio Machado Letria
Edição e redação Andreia Brites

Sara Figueiredo Costa

Design e paginação

Jorge Silva/Silvadesigners

FUNDAÇÃO JOSÉ SARAMAGO

Casa dos Bicos Rua dos Bacalhoeiros, 10

1100-135 Lisboa – Portugal

blimunda@josesaramago.org

<http://www.josesaramago.org>

N.º registo na ERC – 126 238

Os textos assinados são da responsabilidade
dos respetivos autores. Os conteúdos desta
publicação podem ser reproduzidos ao abrigo
da Licença Creative Commons

